



EM CONTATO

COMUNIDADES, CULTURA
E ENGAJAMENTO

SUMÁRIO

3	BRITISH COUNCIL
4	MUSEU DA IMIGRAÇÃO
5	HORNIMAN MUSEUM & GARDENS
6	SOBRE ESTA PUBLICAÇÃO
7-14	CROSSING BORDERS
15-21	SABORES E SABERES
22-27	VISTO PERMANENTE
28-34	O HAITI É AQUI... EM PERUS!
35-44	SOBRE COLECIONISMO ENGAJADO
45-52	A COMUNIDADE CULTURAL QUILOMBAQUE
53-60	STUDIO PROGRAMME
61-69	ENGAJAMENTO DE COMUNIDADES NO MUSEU DA IMIGRAÇÃO
70-78	EM CONTATO
79-85	SEGUIMOS EM CONTATO?
86	AGRADECIMENTOS
87-89	CRÉDITOS

**BRITISH
COUNCIL**

MARTIN DOWLE
DIRETOR

A migração e o destino dos refugiados são um dos maiores problemas e fenômenos do século XXI. A experiência de mais de 3 milhões de venezuelanos que deixaram seu país é bem conhecida. Talvez menos visíveis sejam as grandes comunidades de migrantes econômicos, de países tão diversos como Haiti, Bolívia, Angola e Síria, que agora se somam à rica trama da sociedade em megacidades como São Paulo.

Cada caso de migração é uma história individual, em alguns casos trágica, em outros, aspiracional e inspiradora. Qual é, portanto, a resposta do setor museológico a este movimento sem fim, que reflete os grandes movimentos de pessoas no século XX?

No centro da discussão está a maneira como os museus abordam a questão dos refugiados, migrantes e requerentes de asilo, e como eles procuram engajar comunidades mais amplas em seu trabalho para entender as necessidades e histórias dos migrantes através dos tempos. A forma como as comunidades anfitriãs estão envolvidas também faz parte do papel fundamental do museu - uma função vital na construção de conexões e na ajuda à sociedade para se adaptar à nova realidade.

O British Council, no âmbito de seu programa de intercâmbio de museus, reuniu em dois anos o Museu da Imigração, em São Paulo, e o Museu Horniman, em Londres, para compartilharem suas experiências de engajamento comunitário com um programa que culminou em um seminário para o setor de museus intitulado: "Em contato: comunidades, cultura e engajamento".

Esta publicação reúne a valiosa experiência das duas instituições nesse projeto de dois anos, e espero que seu conteúdo inspire outros museus e o público em geral a pensar sobre como os museus podem desempenhar um papel mais amplo no envolvimento da comunidade nessa área.

Gostaria de parabenizar Tatiana Waldman, Isabela Maia e outros colegas dos dois museus por todo o trabalho realizado neste empreendimento. Espero que estimule um novo pensamento em torno de todas essas questões.



MUSEU DA IMIGRAÇÃO

ALESSANDRA ALMEIDA
DIRETORA EXECUTIVA

O Museu da Imigração do Estado de São Paulo, que já teve outras denominações ao longo dos seus 25 anos de existência como equipamento cultural, mantém em sua essência a preservação da história e memória dos mais de 2,5 milhões de migrantes internacionais e nacionais que chegaram à Hospedaria de Imigrantes do Brás, hoje sede do Museu. Após amplo processo de restauro, a instituição foi reinaugurada, em 2014, e passou a fomentar em suas ações museológicas o diálogo e reflexão sobre o fenômeno das migrações contemporâneas e direitos humanos.

Desde sua concepção, em 1993, o Museu da Imigração construiu um sólido relacionamento com as comunidades representativas da cidade e do estado, bem como com seu entorno. Contudo, com o fechamento do Museu por quatro anos (2010 – 2014), esse relacionamento ficou estremeado, gerando incertezas quanto à gestão do Museu da Imigração, sob a égide do Instituto de Preservação e Difusão da História do Café e da Imigração (INCI).

Entre os diversos desafios enfrentados para a reabertura do MI, pode-se destacar o esforço para obter a confiança das comunidades de imigrantes e descendentes na nova fase da instituição, visando ao (re)engajamento dessas pessoas nas atividades do Museu. Outro ponto relevante foi a necessidade de entender as dinâmicas sociais do local. O INCI realizou então uma pesquisa antropológica no entorno com o objetivo de mapear e traçar um diagnóstico dos principais anseios e expectativas de moradores e empresas da região.

O diálogo entre o MI e o Horniman Museum & Gardens, iniciado em 2014 com visitas mútuas e experimentações virtuais, consolidou-se no momento em que o MI foi contemplado pelo Exchange Programme – Programa de intercâmbio para museus, instituições culturais e universidades criativas –, do British Council, permitindo de fato o compartilhamento de experiências entre as duas instituições em 2018, com ênfase no trabalho com comunidades de migrantes, resultando na realização do seminário “Em contato: comunidades, cultura e engajamento”.

O processo de intercâmbio no Horniman Museum, bem como sua divulgação por meio do seminário e da presente publicação, proporcionarão à equipe do Museu da Imigração uma nova percepção sobre a importância do modelo participativo, no qual o público deve ser constantemente convidado a se engajar, contribuindo para a gestão e programação do museu.



HORNIMAN MUSEUM & GARDENS

TIM CORUM
DIRETOR DE CURADORIA E
ENGAJAMENTO DE PÚBLICOS

O Horniman Museum & Gardens, localizado na região sudeste de Londres, foi criado na Era Vitoriana, quando o comerciante de chá e filantropo Frederick John Horniman abriu sua casa e sua extraordinária coleção de objetos para a comunidade local. Desde então, o nosso acervo aumentou de maneira significativa e agora inclui coleções de antropologia e de instrumentos musicais reconhecidas internacionalmente, além de um renomado aquário e de uma galeria de história natural – tudo isso cercado por um lindo jardim de 6,5 hectares.

O Horniman desenvolve boas práticas de engajamento com a comunidade, cuida de acervos internacionais e recebe mais de 900.000 pessoas por ano dentro de um programa variado de eventos artísticos realizados em seu jardim e salas de exposição. Nós assumimos um compromisso contínuo de transformar o Horniman num centro criativo através de acordos recíprocos com organizações culturais, comunidades e artistas.

O Horniman e o Museu da Imigração estão comprometidos com a interação entre o global e o local, com foco no envolvimento e engajamento de pessoas para que elas possam contar suas próprias histórias. Essas iniciativas nos tornam parceiros naturais em programas de pesquisa colaborativa que trarão benefícios para ambas as organizações e para as comunidades com as quais nós trabalhamos.



EM CONTATO

COMUNIDADES, CULTURA
E ENGAJAMENTO

Sobre esta publicação

A seguir, você encontrará textos dos participantes do seminário “Em contato: comunidades, cultura e engajamento”, proposto em uma parceria entre Horniman Museum & Gardens (Reino Unido) e Museu da Imigração do Estado de São Paulo (Brasil).

Os autores estiveram presentes em um seminário no auditório do Museu da Imigração, no dia 14 de fevereiro de 2019, e foram divididos em duas mesas: *Engajando comunidades migrantes*, na qual foram discutidas as estratégias de diversos tipos de instituição, especificamente em relação a públicos migrantes; e *Museus e engajamento*, em que foram compartilhadas iniciativas dos museus junto a diferentes perfis de comunidades.

Mesmo cientes de que ainda há muito a ser compartilhado por estes agentes da educação e da cultura, esta publicação é uma oportunidade de se aproximar mais dessas experiências, bem como de reunir uma memória das ações apresentadas no seminário. O objetivo é que ela sirva de referência a outros profissionais e instituições interessados na desafiadora temática do engajamento de comunidades.

Boa leitura!

CROSSING BORDERS

**COPRODUZINDO EVENTOS
PÚBLICOS EM PARCERIA
COM ORGANIZAÇÕES DE
APOIO A MIGRANTES**

Homiman Museum & Gardens
por Julia Cort





Crossing Borders: coproduzindo eventos públicos em parceria com organizações de apoio a migrantes

O Horniman Museum & Gardens vem colaborando há 11 anos com organizações locais de apoio a migrantes e solicitantes de asilo na elaboração e realização de eventos museais anuais para o nosso público. Os nossos parceiros chamaram esse evento de Crossing Borders. Atualmente, todas as atividades e eventos públicos realizados no Horniman são liderados por clientes, voluntários e membros de equipes de organizações de apoio a migrantes. A atmosfera do museu muda por completo e vozes diferentes lidam com as mais variadas questões. Segundo um visitante do Crossing Borders 2018, “[Meus] filhos estão muito mais conectados e tiveram a oportunidade de conhecer pessoas sobre as quais nada sabiam”.

Em 2008 firmamos uma parceria com uma organização de apoio a migrantes e em 2018 dez organizações (incluindo a primeira de 2008) participaram do evento. O Horniman considera parcerias de longo prazo essenciais para os processos colaborativos de desenvolvimento e crescimento conduzidos pelos parceiros da comunidade e pelo museu. Este impulsionamento criado pelas parcerias de longo prazo ajuda a incentivar outros parceiros a integrar este processo já consolidado.

As diretrizes gerais de sustentabilidade para parcerias de longo prazo em qualquer área adquirem um caráter específico no contexto de parcerias entre museus e organizações de apoio a migrantes, refugiados e requerentes de asilo no Reino Unido. Este artigo utiliza o exemplo do Crossing Borders para discutir os benefícios e desafios específicos gerados por parcerias e colaborações de longo prazo nos resultados públicos dos dois setores.



Confiança é um elemento essencial para a manutenção de parcerias de longo prazo. A construção de confiança requer continuidade em termos de tempo, compromisso e empenho para experimentar coisas juntos e decidir o que poderia ser feito de maneira diferente. Através desse processo interativo, os parceiros conseguem entender melhor os pontos fortes e as limitações de cada um e como estes elementos podem ser utilizados em benefício mútuo. No entanto, devido à vulnerabilidade dos financiamentos para organizações de apoio a migrantes, muitos membros de suas equipes trabalham em caráter temporário, voluntário ou exercem múltiplas funções. Da mesma forma, as funções de engajamento dentro dos museus tendem a receber financiamento temporário e são usadas como trampolim para outras funções. Além disso, muitos migrantes acessam essas organizações de maneira temporária e inconsistente devido à pressão exercida por outros fatores em suas vidas.

Esses fatores dificultam a construção de relações sólidas, já que as parcerias entre os indivíduos que representam as organizações não são sustentáveis. Acordos de parceria podem garantir que elas ocorram entre organizações ao invés de indivíduos, além de auxiliar no gerenciamento de expectativas, na definição do que cada parceiro tem a oferecer e no desenvolvimento de ideias compartilhadas de sucesso. Identificamos também que projetos de larga escala que geram resultados públicos de alta visibilidade ajudam nas relações entre as organizações, já que o mesmo número de pessoas em ambas as organizações precisa trabalhar de maneira próxima para atingir os resultados esperados. Ao integrar o Crossing Borders ao seu programa regular de eventos públicos, o Horniman oferece às organizações parceiras a garantia de um evento anual onde podemos trabalhar juntos e construir com base em avaliações.



Parcerias de longo prazo, especialmente aquelas que geram resultados públicos específicos em um prazo estabelecido, requerem capacidade de ambas as organizações - e isso é algo escasso em organizações de apoio a migrantes. Por essa razão, é importante integrar a parceria aos trabalhos da organização. Nós integramos sessões de desenvolvimento de atividades a excursões em grupo regulares, a aulas de artes, a sessões de arte terapia, a grupos de teatro, a sessões de movimento, a aulas de idioma e até mesmo a projetos com outros museus. Trabalhar dessa forma ajuda as organizações parceiras a cumprirem suas metas ao invés de sobrecarregar ainda mais uma equipe que já atua no limite de sua capacidade. Esta capacidade extra de dar prosseguimento a ações, captar recursos e impulsionar a parceria deve vir do museu, pois requer um envolvimento organizacional de alto nível e prioridades consistentes de financiamento.

**UMA PARCERIA
SÓ PODE SER
SUSTENTÁVEL SE
BENEFICIAR O MUSEU,
A ORGANIZAÇÃO
PARCEIRA E OS
PARTICIPANTES
INDIVIDUAIS.**



Parcerias de longo prazo exigem financiamento a longo prazo. O Horniman requer três tipos de financiamento para trabalhar com grupos de migrantes e refugiados em eventos coproduzidos. A equipe é essencial tanto para o trabalho de desenvolvimento de projeto que precede o evento quanto para o evento em si. O ideal é que essa equipe seja interna, de forma a garantir a consistência necessária para os parceiros e para negociar demandas logísticas incomuns no local do evento. O transporte é essencial para que a equipe do museu possa visitar as organizações e para que os participantes visitem o Horniman antes e durante o evento. A alimentação é o fator mais importante para que os indivíduos se sintam bem-vindos e valorizados no Horniman, além de ser uma necessidade essencial para muitos participantes. Nos 11 anos em que o Horniman vem trabalhando dessa forma, o Crossing Borders tem sido financiado com recursos externos. No entanto, estes recursos vêm diminuindo e o clima político tem se tornado mais xenofóbico.

As parcerias por trás do Crossing Borders são essenciais para que o Horniman se mantenha relevante para a sua comunidade local e aborde as questões relacionadas aos seus acervos de culturas do mundo. As organizações parceiras e os indivíduos da comunidade trazem vozes distintas ao Horniman ao oferecer seus conhecimentos e expertise em assuntos que temos interesse em abordar. O caráter público do Crossing Borders torna o projeto um excelente veículo de coesão para a comunidade, pois aumenta o número de visitantes do museu e dá visibilidade ao nosso trabalho de engajamento com a comunidade dentro e fora do museu.



As organizações de apoio a migrantes consideram o Crossing Borders uma plataforma pública amplamente acessada e de alta visibilidade que ajuda a divulgar essas organizações e conscientizar o público sobre questões centrais do seu trabalho. Além disso, o Horniman oferece uma infraestrutura para a realização de exposições e eventos cujo padrão não poderia ser alcançado por essas organizações.

Indivíduos que procuram organizações de apoio a migrantes frequentemente estão em busca de trabalho ou de dinheiro. Com base nisso, ao longo dos anos adaptamos o modelo do Crossing Borders de forma a apoiar essas duas demandas. Nós pagamos organizações parceiras na execução de programas para que elas possam oferecer suporte a clientes que não possuem contas bancárias, sem prejudicar seus pedidos de asilo ou de benefícios. A coprodução de atividades no Crossing Borders desenvolve habilidades para o mercado de trabalho, tais como o aprendizado de idiomas, trabalho em equipe (incluindo comprometimento e resolução de conflitos), autoconfiança, trabalho com orçamento, liderança, planejamento e técnicas de apresentação e entrega de trabalhos. Segundo um dos participantes, “Eu aumentei a minha autoconfiança e aprendi a me integrar com várias pessoas diferentes ao mesmo tempo. Além disso, melhorei as minhas habilidades de comunicação”. Os participantes também relatam um aumento na autoestima e na sensação de se sentirem valorizados enquanto membros da sua nova comunidade. “As pessoas no museu poderiam ter feito tudo isso sozinhas, mas deram a nós a oportunidade de tocar o projeto. Foi incrível.” Atualmente, estamos trabalhando num projeto-piloto de apoio a indivíduos que queiram se tornar voluntários independentes no Horniman.



Nós avaliamos os benefícios para o museu, para as organizações parceiras e para os indivíduos, bem como para os visitantes do Crossing Borders, através da metodologia da Teoria da Mudança. Os resultados dessa avaliação são utilizados diretamente no evento seguinte. Por exemplo, as organizações envolvidas no Crossing Borders 2017 relataram que se sentiram isoladas umas das outras, já que sua parceria estava restrita ao Horniman e elas sabiam muito pouco sobre o envolvimento de outras organizações. Por isso, em 2018, pela primeira vez juntamos todas as organizações para planejar o dia de maneira colaborativa. Da mesma forma, 2019 será o primeiro ano em que cada organização manterá uma barraca de informações no evento. Essa iniciativa baseia-se na avaliação do Crossing Borders 2018, que transpareceu que os visitantes não entenderam como o evento se diferenciava das programações regulares de fim de semana do Horniman.

Onde o Crossing Borders se encaixa dentro da estrutura mais ampla do Horniman? É um evento anual com impacto limitado no funcionamento do museu. No entanto, através de parcerias de longo prazo conseguimos criar condições para que comunidades migrantes decidam como os eventos serão conduzidos. Esse formato funciona bem enquanto resultado para colaboração com organizações parceiras de apoio a migrantes e o aprendizado decorrente desse projeto ajudou a formar outras iniciativas de engajamento de comunidades no Horniman. Além disso, o programa oferece oportunidades de crescimento aos participantes: três participantes de uma das nossas organizações parceiras de longa data agora integram o nosso Coletivo Studio na função de cocuradores de uma das salas de exposição do Horniman (ver artigo em separado).



Parcerias de longo prazo bem-sucedidas requerem orçamento, comprometimento, tempo, recursos, capacidade, envolvimento organizacional e avaliações construtivas. Todos esses fatores dependem diretamente das motivações para construí-los. Será que o museu entende as implicações decorrentes das parcerias de longo prazo promoverem autonomia e darem voz aos migrantes dentro dos seus programas públicos, e será que é esse o objetivo? As organizações e os participantes enxergam o valor gerado pelo uso do museu como espaço e recurso para aumentar a capacidade das organizações e dos indivíduos? Se a resposta para qualquer uma dessas perguntas for não, então precisamos trabalhar mais e realizar discussões mais honestas. Se a resposta for sim, então as condições são adequadas para trabalharmos juntos na manutenção da parceria.

***Julia Cort** é Coordenadora de Engajamento Comunitário no Horniman Museum & Gardens. Ela é responsável por ampliar o acesso ao Horniman e garantir que o museu permaneça relevante e interessante para todos os tipos de público no seu entorno. Atualmente, Julia trabalha com grupos locais para facilitar a abertura dos processos do Horniman de forma que o museu se torne um polo cultural da comunidade. Sua experiência profissional inclui a criação e adaptação de programas de engajamento que permitam a museus e organizações patrimoniais em Londres representar um número cada vez maior de pessoas.*

SABORES E SABERES

**MEMÓRIAS QUE
ATRAVESSAM
TEMPOS E ESPAÇOS**

Associação Cidade Escola Aprendiz
por Dayana Araújo e Raiana Ribeiro,
com a colaboração de Jéssica Moreira





Sabores e saberes: memórias que atravessam tempos e espaços

Pessoas oriundas de várias partes do mundo, com as mais diversas línguas e culturas, convivem diariamente, compartilhando os mesmos tempos, espaços e serviços no Bairro do Bom Retiro, em São Paulo. Atualmente, o local possui uma população de 230 mil habitantes, sendo 6% de outras nacionalidades, dentre bolivianos, coreanos, italianos, angolanos, peruanos, sírios, chineses e gregos. Foi imersa nesse contexto intercultural que a Cidade Escola Aprendiz realizou, entre 2016 e 2017, o projeto *Integração Família – Rede Socioeducativa*.

Desenvolvida com apoio do Fundo Municipal da Criança e do Adolescente de São Paulo (Fumcad), a iniciativa buscou apoiar famílias migrantes nos processos de participação junto a escolas, serviços e agentes do território. Com um olhar focado para as infâncias migrantes, o projeto teve como principais estratégias a articulação e mobilização de atores e redes locais e a formação de professores, com ênfase em duas perspectivas essenciais e complementares para o desenvolvimento integral das crianças: o direito à educação e o direito à cidade.

Esse binômio – Educação Integral e Cidade Educadora -, defendido pela Cidade Escola Aprendiz há 22 anos, propõe uma articulação permanente entre educação e território, de modo que as identidades, expressões culturais, anseios e interesses das crianças sejam reconhecidos e valorizados dentro e fora da escola. Mais do que isso: que esses elementos operem como insumo de qualquer processo formativo que se almeje relevante e significativo para a vida dos estudantes.

Dentre as ações realizadas no território, destaca-se o projeto *Sabores e Saberes: memórias que atravessam tempos e espaços*. Contando com o envolvimento de mais de 500 famílias, a iniciativa envolveu três escolas públicas da região: Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) João Theodoro, Centros de Educação Infantil (CEI) Dom Gastão e Lar Criança Feliz; além do Programa Saúde na Escola (PSE)^[1] e agentes locais de cultura.

Nota

[1] Criado em 2007, o Programa Saúde na Escola é uma política intersetorial nacional que busca contribuir para a formação integral dos estudantes da rede pública de educação básica por meio de ações de prevenção e atenção à saúde.



Desenhado a partir da demanda das coordenadoras pedagógicas das escolas de tornar o cardápio das unidades escolares mais atrativo, o projeto assumiu também como desafios o resgate da alimentação no processo pedagógico e o envolvimento da comunidade com essa dimensão da vida das crianças. Outro aspecto fundamental foi criar estratégias que reconhecessem e valorizassem as trabalhadoras e trabalhadores da cozinha, aproximando-os da proposta pedagógica das escolas e ressaltando os aspectos culturais, sociais e comportamentais da comida.

Desse caldo de agentes e repertórios nasceu a ideia de criar um livro de receitas com os principais pratos da comunidade escolar. Forjava-se, assim, uma oportunidade única de escuta ativa das famílias, de expressão criativa e cultural das crianças e, sobretudo, de valorização dos saberes e sabores cultivados nas cozinhas das famílias – migrantes ou não - que vivem nesse território.

A escola é o equipamento do território onde a diversidade se faz presente de forma visível, já que cada criança carrega histórias e experiências únicas de vida. Esse repertório sociocultural é produzido e compartilhado ao longo de toda etapa escolar e cabe à instituição educativa respeitar e valorizar as diferentes identidades, práticas e costumes de seus estudantes.

Para que isso ocorra, é fundamental que a comunidade escolar construa de modo participativo um Projeto Político Pedagógico que reconheça essas características e as valorize em todo processo de ensino-aprendizagem. É o que o projeto *Sabores e Saberes: memórias que atravessam tempos e espaços* buscou fazer ao eleger a culinária como saber catalisador de memórias, sentidos e conhecimentos do território.



Considerando que as famílias não são iguais e possuem, cada qual, organizações e culturas alimentares diferentes, trabalhar esse tema permitiu que as escolas identificassem quais hábitos alimentares das crianças eram considerados saudáveis e quais precisavam de ajustes.

Como parte das estratégias de vinculação da escola com o território, o projeto *Sabores e Saberes: memórias que atravessam tempos e espaços* estimulou o compromisso dos diferentes atores com a saúde integral das crianças, mobilizando-os em prol do direito humano à alimentação adequada. Esse trabalho intersetorial, protagonizado pelo PSE, é essencial para o combate às patologias como diabetes, obesidade, hipertensão, colesterol etc., que se configuram como grandes desafios de saúde pública no Brasil atualmente.

Ao todo, o projeto *Sabores e Saberes* coletou 142 depoimentos sobre as memórias dos familiares relacionadas à alimentação. Da macarronada de domingo, passando pela sopa de mani e ceviche, as narrativas revelam como as refeições eram preparadas, as distintas formas de organização das cozinhas, além das trocas e conversas que ocorriam durante as refeições.

No início das ações, a equipe entregou um roteiro de perguntas aos familiares de cada escola. Nessa etapa, o esforço da educadora boliviana do CEI Lar Criança Feliz, Liliana Mamani, em traduzir para o espanhol as perguntas formuladas assegurou a participação daqueles que não falavam português. A partir dessa iniciativa, famílias vindas de outros países também se voluntariaram para traduzir o material, que acabou ganhando uma versão em mandarim. Além das questões, o roteiro convidava as famílias para uma gravação em vídeo.



Organizadas pela iniciativa *O Mundo Cabe em SP*^[2], que desde 2015 registra histórias positivas de imigrantes em São Paulo, as entrevistas ocorreram no pátio da escola e a equipe esteve sempre acompanhada pela coordenação pedagógica das unidades escolares e pelos profissionais da Unidade Básica de Saúde.

VISIBILIZAR AS TRAJETÓRIAS DAS FAMÍLIAS MIGRANTES FOI ESSENCIAL PARA QUE A EQUIPE DOCENTE PUDESSE CONHECER DE FORMA MAIS APROFUNDADA OS DESAFIOS E DIFERENTES ARRANJOS INERENTES À VIDA DE SEUS ALUNOS.

Esse foi também um ótimo momento para mostrar às famílias que podem contribuir com a educação de seus filhos a partir de seus saberes.



Nota

[2] Criado pela produtora Alvorada Filmes, desde 2015 *O Mundo cabe em SP* reconhece e divulga as manifestações culturais dos povos que vivem na capital paulista.



Para que as crianças pudessem, a seu modo, ser escutadas e contempladas pelo projeto, as escolas realizaram oficinas de produção das receitas citadas pelas famílias nos questionários. As educadoras planejaram atividades que recuperavam a origem do alimento, utilizando músicas e brincadeiras e acionando os sentidos. Às crianças foi permitido tocar o alimento, desfiar a carne com os dedos, manusear a massa de um macarrão e até mesmo terminar o dia com uma guerra de farinha no refeitório. Ao vivenciar o passo a passo de uma receita, as crianças tiveram a oportunidade de acessar conhecimentos relacionados à geografia, história, linguagem, matemática, entre outros. Além de poderem entrar na cozinha das unidades, experienciando o espaço, seus utensílios e eletrodomésticos, meninos e meninas conseguiram influenciar o cardápio diário das escolas. O Baião de Dois, por exemplo, passou a integrar as refeições da semana.

As atividades práticas do projeto *Sabores e Saberes* revelaram que é possível educar em outros espaços e que um lugar tão familiar como a cozinha é fonte permanente de conhecimento. Para completar, os pequenos também foram protagonistas do projeto quando seus desenhos se converteram em ilustrações do livro de receitas.



As atividades práticas do projeto *Sabores e Saberes* revelaram que é possível educar em outros espaços e que um lugar tão familiar como a cozinha é fonte permanente de conhecimento. Para completar, os pequenos também foram protagonistas do projeto quando seus desenhos se converteram em ilustrações do livro de receitas.

Cidade Escola Aprendiz é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) que há 20 anos contribui para o desenvolvimento dos sujeitos e suas comunidades por meio da promoção de experiências e políticas públicas orientadas por uma perspectiva integral da educação. Estruturada em programas que atuam em diversas cidades do país, a Cidade Escola Aprendiz pesquisa e desenvolve conteúdos metodológicos, dissemina experiências, realiza formações para gestores, educadores e lideranças sociais, e contribui para a modelagem e implementação de políticas públicas de educação e direitos humanos.

Referências

A situação das crianças migrantes em São Paulo e a sistematização completa do projeto Integração Família – Rede Socioeducativa

Para saber mais sobre Educação Integral

Para saber mais sobre Cidades Educadoras

Para saber mais sobre Territórios Educativos

Minidocumentário completo do projeto Sabores e saberes - memórias que atravessam tempos e espaços

Livro de receitas do projeto na íntegra

VISTO PERMANENTE

ACERVO VIVO DAS
NOVAS CULTURAS
IMIGRANTES

por Coletivo Visto Permanente





Visto Permanente - Acervo vivo das novas culturas imigrantes

Com um acervo digital, entre outras produções culturais como os TAIs (Territórios Artísticos Imigrantes), instalações e performances, o Visto Permanente procura dar continuidade ao seu trabalho de registro, mapeamento e articulação de artistas imigrantes. Trata-se de um acervo patrimonial e político em permanente construção que pretende refletir a transnacionalidade urbana de São Paulo, bem como postular o direito imigrante à memória, à cidade e à cidadania.

Ao longo do estudo da relação entre as culturas imigrantes contemporâneas com a sociedade paulistana, os integrantes fundadores/as do coletivo Visto Permanente perceberam a existência de uma impenetrabilidade, que não se manifestava apenas através de um desinteresse paulistano, mas também através de uma seleção estanque e cristalizada do que o imigrante produz e de quais são os seus possíveis capitais simbólicos. Paralelo a isso foi identificado o que parecia ser o terreno onde germinavam as maiores dificuldades do imigrante: a invisibilidade, que longe de ser apenas cultural, está vinculada com as fronteiras burocráticas, os vínculos laborais precários, a xenofobia, o trabalho análogo à escravidão e a falta de assistência social especializada, isso para mencionar só alguns dos aspectos mais notáveis.

Com o intuito de projetar um mapa das novas culturas imigrantes paulistanas, foi escolhida, no início, a linguagem audiovisual justamente para construir um processo de visibilidade política e social dos grupos de artistas imigrantes, que aos poucos virou uma forma de divulgação do seu trabalho, algo que foi bem importante nesse momento, levando em consideração que a constante imposição de fronteiras lançava as produções artísticas imigrantes para fora do contexto nacional e local. Nesta caminhada, o Visto Permanente procurou ir além dos lugares comuns (a música folclórica e as danças tradicionais) com o intuito de atingir públicos mais diversos e, assim, poder mostrar novas expressões da produção cultural imigrante, como o RAP, o circo, a performance e a música autoral.



Na medida em que o acervo digital foi crescendo, a diversidade das manifestações artísticas, junto com seus lugares de origem, também cresceu. No entanto, ficou claro que a diversidade de gênero e sexualidade era menor em relação à diversidade artística, a presença heterossexual, masculina e cisgênero predominava, fato que levou a incrementar a procura por artistas imigrantes femininas e, mais recentemente, por artistas imigrantes pertencentes à comunidade LGBTQI. Por outro lado, sentimos a necessidade de experimentar novas formas de comunicação com a sociedade. Foi assim que apareceu a linguagem performática que, vinculada à dança, à oralidade, ao registro sonoro e à plástica, permitiu gerar diferentes reflexões e emoções nas pessoas. O Visto Permanente também está saindo das fronteiras geográficas do centro da cidade e está entrando na periferia, onde muitas pessoas imigrantes e em situação de refúgio chegam para morar e recomeçar suas vidas. É importante conversar sobre esses temas para que os moradores locais enxerguem e compreendam melhor essa situação.

Dentro destes anos de projeto, o coletivo criou uma rede onde artistas imigrantes de diferentes nacionalidades passaram a se conhecer e trabalhar juntxs. Esta rede, para além de uma rede de trabalho, se tornou também uma forma de conexão afetiva entre grupos, bandas e artistas que talvez de outra forma não passassem a se conhecer. Um forte exemplo é o TAI (Território Artístico Imigrante), evento que busca criar uma troca entre a comunidade brasileira e xs artistas imigrantes, permitindo que, a partir do reconhecimento das diferentes visões de mundo, possíveis estereótipos e preconceitos sejam transformados.



NAS DIVERSAS EDIÇÕES DO TAI FOI POSSÍVEL CONSTATAR COMO O PÚBLICO BRASILEIRO SE ENVOLVEU COM OS GRUPOS E ARTISTAS E COMO O EVENTO POSSIBILITOU A CRIAÇÃO DE VÍNCULOS AFETIVOS ENTRE OS MESMOS.

Outra ação que uniu imigrantes de diferentes nacionalidades e brasileiros foi a Oficina Popular de Audiovisual Imigrante. Nessa oficina, com participantes da Palestina, Haiti, República Democrática do Congo, Bolívia, Costa do Marfim, Argentina, Venezuela e Brasil, foram passadas técnicas básicas de filmagem e captação de som sempre usando como referência vídeos feitos sobre ou por migrantes. O exercício final dessa oficina foi um vídeo com a temática livre onde xs participantes poderiam escolher o que filmar. Um dos temas escolhidos foi comidas típicas que lembravam o país de origem de quem cozinhava, e assim se reuniram o coletivo e xs participantes para cozinhar, conversar e filmar, em um dia onde todxs puderam se conhecer melhor e aprender mutuamente sobre suas culturas através da culinária.



Desde a criação do Visto Permanente houve diversas mudanças no meio cultural migrante, mudanças que de alguma forma estão relacionadas com as ações do coletivo, por exemplo: atualmente é mais comum ter artistas imigrantes em diferentes espaços de São Paulo, sejam privados ou públicos; existem mais festas, saraus, e apresentações voltados para artistas de diferentes nacionalidades; existem mais editais culturais que frisam a busca de ações feitas por imigrantes. Isso ajuda para que grupos e artistas possam se sustentar através da arte. O próprio coletivo através de editais contratou diversos artistas para se apresentar em TAls e fazer exposições. Ainda é muito difícil que tais artistas consigam sobreviver unicamente da arte, no entanto, aos poucos se tornou mais acessível o meio cultural paulistano para artistas imigrantes.

Até hoje vários integrantes têm contribuído para o contínuo processo de construção do Visto Permanente, deixando uma marca muito particular que se manifesta no leque de expressões que o projeto representa. Inicialmente o coletivo foi dinamizado por Arthur Alves (paulistano), Cristina de Branco (brasileira-portuguesa), Daniela Hernández (colombiana) e Miguel Dores (português), durante o ano de 2015. Em 2016 ingressou Lara Bione (pernambucana). No começo de 2017, Miguel e Cristina retornaram a Portugal e Lara, a Pernambuco. Paralelamente a essas saídas, novos membros se vincularam: Anaís González (venezuelana), David Rubio (colombiano) e, recentemente, no final de 2018, Aleksey Benavidez (colombiano). A variada formação dos participantes (em cinema, antropologia, literatura, teatro, fotografia e música), acompanhada da história de migração de cada um, tem favorecido uma abordagem interartística e pluricultural.




Durante os seus quatro anos de execução, o coletivo não produziu apenas vídeos sobre artistas imigrantes que moram em São Paulo, dezenas de atividades e mediações culturais, programações de espaços, festas, comunicações, projeções, exposições e oficinas. Mas, para além de tudo isso, o coletivo criou um forte vínculo com artistas de variadas linguagens e culturas, ajudou a que muitos se reconhecessem como imigrantes passando a ser sujeitos politicamente mais ativos, enxergou a xenofobia existente na cidade e, motivado por essa necessidade de mudança, foi cruzando aquelas linhas que abafam, que controlam, que apagam, que cortam e que calam, aquelas que socialmente se reconhecem como fronteiras: geográficas, artísticas, idiomáticas, do gênero. Os resultados de um projeto como esse são de certa forma imensuráveis e a contínua incógnita perante os rumos que ele vai tomar norteiam todo o caminho, não em procura da resposta, mas sim em busca da nova pergunta.

*Dedicado à produção audiovisual sobre a arte trazida por imigrantes para a cidade de São Paulo, o projeto **VISTO PERMANENTE** possui 60 vídeos de 29 nacionalidades distintas. Paralelamente ao acervo, desde 2015 o projeto tem realizado e participado de diferentes atividades (de forma independente ou com apoio de editais públicos), como festivais, exposições, shows, projeções e mesas de debate, e em 2016 realizou a Oficina Popular de Audiovisual Imigrante. Nestes anos o coletivo teve diferentes configurações sempre mesclando jovens imigrantes e brasileiros.*

Referência

Plataforma - Visto permanente



**“O HAITI
É AQUI...
EM PERUS!”**

**A INTEGRAÇÃO
DE DIFERENTES
POVOS POR MEIO
DA FESTA**

CIEJA Perus I
por Cristiane Maria Coutinho Fialho
e Franciele Busico

*pou kapab kominike jou aprè jou,
pran bus ale nan makèt.*

**“O Haiti é aqui...
em Perus!”
A integração de
diferentes povos
por meio da festa**

Perus, último bairro da zona Noroeste, periferia da cidade de São Paulo, tem uma história singular. Os movimentos ligados à antiga Fábrica de Cimento Perus-Portland, onde ocorreu a maior greve de trabalhadores da história, as valas comuns da ditadura descobertas no cemitério do bairro e a organização do movimento popular para retirada do lixão do território fazem parte da memória local e são de conhecimento público e geral, o que fez de Perus um lugar de luta e resistência coletiva.

O movimento que está acontecendo atualmente nessa localidade, a migração de haitianos que deixaram seu país principalmente após as últimas tragédias naturais da década de 2010, não foi devidamente investigado até o momento. Muitas pessoas da região ainda nem sabem direito que esse fenômeno de chegada maciça de imigrantes está ocorrendo muito próximo às suas residências.

O CIEJA Perus I, que também fica nesse mesmo território, tem como premissa de seu Projeto Político Pedagógico a constituição de parcerias com a comunidade e a valorização da cultura local, como práticas reais. As situações de aprendizagem são construídas de forma conjunta com os estudantes, atendendo aos seus interesses e levando-se em conta suas leituras de mundo.

Trata-se de uma política pública de reparação de direitos para quem não pôde concluir o Ensino Fundamental na intitulada “idade certa”. Este equipamento público municipal foi inaugurado em fevereiro de 2016 e, em um primeiro momento, só recebemos matrículas de brasileiros jovens, adultos e idosos com demandas de alfabetização e/ou de conclusão do Ensino Fundamental. A partir do segundo semestre desse mesmo ano, os imigrantes haitianos começaram a nos procurar, principalmente para aprenderem a língua oficial do Brasil. Constatamos que a grande maioria já possuía escolarização superior à oferecida pela unidade escolar.





Agora, em 2019, aproximadamente 450 pessoas oriundas do Haiti estão regularmente matriculadas, o que se configura em um terço do número total de estudantes, ou seja, o CIEJA Perus I é a escola com maior número de imigrantes em toda a cidade.

Ao se matricularem, os imigrantes têm garantido, para além do necessário contato com a Língua Portuguesa, acesso às políticas públicas, como alimentação diária e passe livre. Em um primeiro momento, nosso movimento foi o de acolhê-los para poder mapear suas reais necessidades. Como boa parte deles já têm uma escolarização maior do que a que é oferecida, entendeu-se que uma reorganização do currículo seria necessária. Passamos então a realizar uma reflexão coletiva permanente e ações de replanejamento, criando novas formas de recepção e integração para podermos contemplar o grande fluxo que vem ocorrendo, o que incidiu em uma reorganização geral da escola e de suas propostas pedagógicas, da grade de aulas, tanto para os estudantes brasileiros quanto para os imigrantes.

Logo foi possível perceber também que, a partir da chegada dos haitianos, a comunidade brasileira de estudantes passou a viver certo estranhamento ouvindo pelos corredores da escola conversas em duas línguas diferentes do português: o creole e o francês. Não se arriscavam a dialogar com eles por causa dessa barreira linguística e, também, praticamente não se aproximavam fisicamente. Os estudantes imigrantes, por sua vez, só ficavam em seus próprios grupos e, também, pouco se arriscavam com os brasileiros. Essa situação foi causando um incômodo na equipe docente, que imediatamente percebeu que, apenas conversando sobre o que ocorria, não conseguiria reverter esse quadro de distanciamento. Passou-se a discutir qual poderia ser um elemento integrador que garantisse uma imediata aproximação e sensibilização de todos os estudantes (FREIRE, 1987). Brasileiros que somos, logo pensamos: festa e comida, elementos que agregam e que fazem parte de nossa formação cultural.



Propusemos então que os estudantes haitianos organizassem um jantar típico de seu país para a Festa Cultural que já estava agendada como forma de aproximação e oportunidade de conhecimento para todos. Acharam interessante a proposta, sempre falam com muito carinho e orgulho do Haiti e entenderam que essa seria uma boa forma de apresentá-lo aos brasileiros. Rapidamente se auto-organizaram em comissões e planejaram várias ações, além de um cardápio muito variado e saboroso. A festa ocorreu em junho de 2017 como fechamento do primeiro semestre letivo e teve como público toda a comunidade escolar, bem como moradores de locais próximos.

Foram dois meses para planejamento e execução da festa, com a culminância na realização do jantar haitiano, que foi extremamente apreciado pelos brasileiros, por sinal, desde a sua preparação, com os odores que invadiram os corredores da escola nos dias que antecederam a festa, bem como com a diferente combinação de sabores e temperos que nos foi apresentada por meio de vários e coloridos pratos salgados e doces. Muitas pessoas que vieram à festa nem eram estudantes da escola, mas parentes e vizinhos que também puderam enfim conhecer a comunidade haitiana e elementos de sua cultura, degustando um delicioso jantar. Com Freire, fomos entendendo que “a ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, ‘ação cultural’ para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles” (1979, p. 57).



Durante o processo de levantamento de conhecimentos prévios, essa experiência permitiu a todos imediatamente uma mudança da representação do Haiti como um lugar relacionado à extrema pobreza e sua associação quase que exclusiva a desastres naturais que são amplamente divulgados pelas mídias. Passamos, nós brasileiros, a entender também que não devemos falar pelos outros, inferir quem são e o que pensam aqueles que são diferentes de nós, achar que conhecemos os outros pelas informações que temos, mas é preciso que cada um fale por si, pois todo mundo tem muito a dizer, seja em qual língua for! E a alimentação, a música, a poesia, ou seja, as diferentes manifestações culturais e artísticas sempre podem dizer muito sobre um povo e seu modo de vida.

É possível apreender dessa experiência com a festa cultural, que neste ano terá sua terceira edição, e de todas as outras atividades que são propostas no cotidiano da escola que o CIEJA Perus I está se configurando como um polo de cultura e encontro, tendo em vista a ideia de construção de um território que educa e se educa ao mesmo tempo.



A EXPERIÊNCIA EDUCATIVA SE DESTINA A TODOS QUE FAZEM PARTE DO DIA A DIA DA ESCOLA, ESTUDANTES, EQUIPE DOCENTE, ADMINISTRATIVA, PESSOAL DE APOIO, MAS TAMBÉM A COMUNIDADE DE PERUS DE MANEIRA GERAL, QUE POR MEIO DE DIFERENTES AÇÕES ACOLHE MELHOR AGORA O IMIGRANTE QUE CHEGA.

É perceptível que assim que eles passam a habitar a localidade de Perus, enxergam no CIEJA um primeiro acesso às políticas públicas, ou seja, passam a usufruir, evidentemente, dos mesmos direitos que qualquer outro cidadão no Brasil, convivendo com a cultura local e aprendendo a Língua Portuguesa em seu uso.

É importante ressaltar aqui que quando estamos falando dos haitianos não se trata de imigrantes quaisquer, como os que chegam da Europa, por exemplo, mas são pessoas negras que estão desembarcando no Brasil em busca de oportunidades de reconstrução de suas vidas e que logo se deparam com algo pouco identificável em seu país de origem, que aqui se opera com “requintes de crueldade”, que é o racismo estrutural. Infelizmente, no Brasil o processo de racialização baliza todas relações sociais e econômicas: a população negra, mesmo sendo maioria, de acordo com dados de órgãos oficiais, possui inúmeras barreiras para acessar vários direitos sociais.



Sendo assim, encontramos por meio dessa reorientação curricular uma possibilidade de transformar o mundo, não o mundo todo, claro, mas este nosso recorte escolar e comunitário dentro de um território, respeitando a tamanha diversidade que nossa unidade escolar abriga: jovens a partir de 15 anos, adultos trabalhadores formais e não formais, subempregados, desempregados, pessoas em situação de rua, pessoas com deficiência, idosos e migrantes em geral. Todos no mesmo espaço, aprendendo a respeitar as diferenças, sendo elas geracionais, étnicas e/ou culturais. Temos presenciado até o início de relações afetivas e familiares, o que está causando uma maior integração ainda entre imigrantes e brasileiros. Com essa experiência, todo mundo está aprendendo que todo e qualquer ser humano tem muito a dizer e merece sempre ser respeitado e ouvido, precisando ou não de tradução.

Referências

O Haiti é aqui...em Perus!

Haitianos: migração e educação em São Paulo (SP)

Educação Inclusiva: As línguas do CIEJA PERUS I

TV CIEJA Jantar Haitiano

Imprensa Jovem

Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Cristiane Maria Coutinho Fialho é graduada em Letras e professora das redes estadual e municipal de ensino. Atuante com o público da EJA desde 2005 como professora de Língua Portuguesa. Professora do CIEJA Perus I desde 2016.humanos.

Franciele Busico Lima é historiadora e pedagoga, mestra em Estética e História da Arte e atualmente doutoranda pela FAU-USP. É professora do curso de Pedagogia do Instituto Singularidades e coordenadora pedagógica na Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Desde 2016 atua como diretora do Centro de Educação de Jovens e Adultos - CIEJA Perus I.

SOBRE COLECCIONISMO ENGAJADO

NO MUSEU
HISTÓRICO NACIONAL

Museu Histórico Nacional por Paulo
Knauss, Aline Montenegro Magalhães
e Rafael Zamorano Bezerra





Sobre coleccionismo engajado no Museu Histórico Nacional

O Museu Histórico Nacional (MHN) foi criado em 1922 no âmbito das comemorações do centenário da Independência do Brasil. Suas primeiras coleções indicavam uma chave de leitura da história que enaltecia feitos militares, religiosos, do Estado nacional e seus agentes de governo. Na década de 1980, com as transformações no campo museal e historiográfico, os critérios de seleção de acervo foram repensados, possibilitando a ampliação e diversificação da coleção com itens do cotidiano, como eletrodomésticos, brinquedos, indumentária, entre outros. Recentemente, a instituição vem buscando enfatizar os processos e práticas de construção coletiva de coleções, mobilizando diferentes setores da comunidade civil organizada. Entre essas ações, destacamos a prática das rodas de conversa com os movimentos sociais no sentido de conhecer as memórias que valorizam e incentivar a doação de objetos que as correspondem.

A primeira iniciativa nessa direção foi a construção coletiva, ao longo do ano de 2017, de uma coleção que se aproxima dos mil itens, adquirida pela mobilização da Família Panair, que representa a associação de ex-funcionários e familiares da companhia aérea fechada em 1965 pelo governo militar. A segunda iniciativa foi empreendida em colaboração com o movimento do Museu das Remoções, que reuniu fragmentos das casas dos moradores da Vila Autódromo, que foram removidos com a destruição de sua comunidade pela prefeitura do Rio de Janeiro no contexto das obras para a realização das Olimpíadas na cidade, em 2016. Sublinhamos também as rodas de conversa com o movimento feminista e o movimento negro.



Todas essas iniciativas de mobilização social se caracterizam como processos de musealização de objetos. Entende-se musealização como a “operação de extração, física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural, conferindo a ela um estatuto museal – isto é, transformando-a em museália” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2010). Uma vez dentro do museu, os objetos assumem o papel de *documento*, indício material das sociedades e seu meio, fonte primária de pesquisa e, também, objeto de fruição cultural e sensorial. No caso de um museu de história, como o MHN, musealizar um objeto consiste em agregar a ele o estatuto de *objeto histórico*, fonte de informação e evidência de determinada situação cultural e histórica. No processo de musealização, pesquisadores, curadores, técnicos e demais agentes dão sentido ao acervo quando reúnem, classificam e documentam objetos. A escolha do que é ou não musealizado, assim como as formas de classificação, descrição, indexação e exposição, faz com que o trabalho de pesquisa sobre objetos museológicos seja um processo de construção contínuo da coleção, uma vez que seus sentidos e valores documentais não se encerram com a incorporação do objeto ao museu.

As coleções adquiridas recentemente pelo MHN foram constituídas e doadas por grupos sociais que até então estavam ausentes ou eclipsados na museografia da instituição. O papel do museu foi fomentar a prática do colecionismo por meio de rodas de conversas e seminários onde foram tratados assuntos relativos à representação da memória dos negros, das mulheres, entre outros.



A primeira coleção formada coletivamente para integrar o acervo do MHN foi a da Família Panair. A Panair, umas das maiores companhias de aviação brasileira, foi fechada em 1965. Em 10 de fevereiro, sem que antes fosse instaurado um processo administrativo regular, todas as suas concessões de linhas aéreas foram suspensas por meio de um despacho assinado pelo presidente da República, o marechal Castelo Branco. Ainda nos dias de hoje, o processo judicial de reparação dos danos causados à empresa e aos seus funcionários está aberto na Justiça, sendo um dos casos mais polêmicos do direito empresarial brasileiro. A coleção Família Panair^[1] é composta por centenas de itens vinculados ao cotidiano de trabalho dos funcionários da companhia e que representam uma fase da aviação brasileira marcada pela sofisticação dos serviços de bordo e pela divulgação do país como destino turístico e empresarial da América do Sul. Representa também a luta pela valorização da memória da companhia e de seus trabalhadores.

Já a coleção do Movimento Feminista teve origem nas conversas com a professora Hildete Pereira de Melo Hermes de Araújo, personagem-chave na militância feminista desde os anos 1970. Foi ela quem organizou conosco a roda de conversa realizada no MHN em agosto de 2017, visando discutir a participação das mulheres na representação da história do Brasil. O movimento feminista representado nesta coleção reuniu-se em torno de lideranças intelectuais, autoras de livros sobre feminismo. Porém, ao museu não interessam apenas os livros, mas os objetos representativos da cultura material que envolve a prática da escrita. Assim, de Carmem da Silva foi recolhido o cinzeiro que a acompanhava quando escrevia; de Rose Marie Muraro, os óculos, símbolo de quem exerce a atividade intelectual. Além disso, o movimento realizava reuniões e fazia contatos por telefone, o que ressalta o significado do telefone doado por Eunice Gutman como objeto relacionado à prática da militância.

Nota

[1] O processo de mobilização da coleção para doação ao MHN envolveu a colaboração de dois pesquisadores associados: Mariza de Carvalho Soares e Eduardo Schnoor.



Destacamos também a coleção Vila Autódromo, formada a partir da articulação com o Museu das Remoções, representado pela líder comunitária Sandra Maria de Souza, apresentada pelo museólogo Mário Chagas. A Vila Autódromo teve sua origem nos anos 1960, como uma colônia de pescadores estabelecida às margens da Lagoa de Jacarepaguá, zona oeste do Rio Janeiro. Próximo ao local, na década seguinte foi construído um autódromo, o que deu origem ao nome da comunidade. Com os preparativos da cidade para receber os Jogos Olímpicos de 2016, a remoção de comunidades de baixa renda ganhou espaço e força na prefeitura de Eduardo Paes (2009-2016). No Plano Estratégico anunciado em janeiro de 2010, a Vila Autódromo estava entre as 119 favelas que seriam reassentadas pelo Município. Como consequência, mais de 500 famílias foram removidas dali para a construção do Parque Olímpico, do Centro de Mídia e das reformas de mobilidade urbana. Durante todo o processo houve uma intensa mobilização dos moradores, que utilizaram de ferramentas museológicas - como a criação do Museu das Remoções, “um instrumento de resistência e luta [...] contra as políticas de remoções, suas ações arbitrárias e consequentes apagamentos de memória”.

A coleção Vila Autódromo é constituída por escombros das casas dos moradores, como basculantes, grade de janela, relógio de medição de luz e bomba d'água. Entende-se que os vestígios de demolições são documentos históricos que, devidamente tratados, tornam-se elementos representativos das recorrentes lutas por moradia, contra a gentrificação da cidade e a criminalização da pobreza, temas caros à história do Brasil e que enriquecem as possibilidades de abordagens da história nacional.



Outra coleção que está sendo formada coletivamente com lideranças do movimento negro é sobre a diáspora africana no Brasil. Historicamente, negras e negros têm sido abordados no MHN pelo viés da escravidão durante os períodos colonial e imperial. Todavia, o MHN possui diversos objetos relacionados à história dos afrodescendentes que assim não vêm sendo tratados, mas que podem construir outras narrativas, sob a perspectiva *decolonial* e de valorização dos protagonismos, para assim tratar esses acervos sob a perspectiva da luta contemporânea pelo combate ao racismo e pela valorização da cultura afro-brasileira.

Os professores Amauri Mendes, Alexandre Ribeiro, Asfilófilo de Oliveira Filho (Filó) e José Carlos Felix compareceram à primeira roda de conversa com o Movimento Negro no MHN, realizada no dia 25 de maio de 2018. Capítulo importante dessa articulação é o tratamento de uma coleção do MHN adquirida em 1999. Trata-se de 38 objetos pertencentes a um terreiro de candomblé que foram doados ao museu pela própria lalorixá (mãe de santo) que estava encerrando suas atividades religiosas. O terreiro estava localizado na Vila Vintém, comunidade localizada entre os bairros de Realengo e Padre Miguel, no Rio de Janeiro.



À época, um técnico do museu - o museólogo Juarez Guerra - foi ao terreiro selecionar as peças e baseou suas escolhas em critérios técnicos e materiais por não ser iniciado na religião, tampouco conhecê-la como estudioso. Porém, pode-se dizer que esse processo de musealização não foi pleno, uma vez que não foram realizados alguns procedimentos de registro sobre a doadora e as motivações da doação. Nossa dificuldade em lidar com esse acervo foi compartilhada durante a roda de conversa com o movimento negro. O professor Alexandre Ribeiro nos apresentou ao Babalorixá Rogério Eliziário - cujo nome iniciático na religião é Tateto Legonuqueno. Solicitamos a ele que viesse ao museu para nos orientar na revisão da identificação das peças e identificar se o sagrado ainda estava presente no acervo, o que nos impossibilitaria de dar a esses objetos um tratamento museológico, portanto laico. Enfim, estava em questão indicar possibilidades e impossibilidades de tratamento dos objetos, uma vez que constituindo assentamentos de orixás, deveriam ter sido destruídos ao serem encerradas as atividades do terreiro ou diante da morte da lalorixá, segundo os preceitos do candomblé. O acervo foi exposto na reserva técnica do MHN para a visita do Babalorixá que, na ocasião, identificou a relação das peças com a liturgia do candomblé e os elementos materiais que devem ser preservados na conservação preventiva. Identificou também que o sagrado ainda está presente nos objetos e que deverá ser realizado um ritual visando dessacralizá-los, tornando-os, de fato, acervos museológicos.



Essas ações afirmam o princípio de autoridade compartilhada (FRISCH, 1990) no espaço do museu, local tradicionalmente concebido como lugar da autoridade intelectual, científica e política. Na maioria das vezes, coleções como esta são formadas tendo por base a autoridade acadêmica e científica, o que acaba por criar narrativas colonizadoras que se tornam distantes do contexto original e das pessoas que produziram e usaram tais objetos. Porém, não se trata aqui de inverter essa relação e passar a tratar tais acervos somente pela autoridade tradicional, mas sim de compartilhar saberes diversos, permitindo um tratamento museológico mais consistente, que potencialize sua característica documental. É também uma prática decolonial, no sentido de construir narrativas museológicas mais plurais, justamente em instituições tão marcadas pela ação do estado, pelas narrativas historiográficas consagradas pelo discurso do poder.

O TEMA É ESPECIALMENTE INTERESSANTE PARA OS MUSEUS NO SENTIDO DE RESSIGNIFICAR SUAS COLEÇÕES, TENDO COMO PRESSUPOSTO SUA DESNATURALIZAÇÃO.



Trata-se de destacar a importância de documentar não apenas os objetos, mas igualmente os processos de aquisição, revalorizando o lugar central do colecionismo no processo de musealização. Nesse sentido, cabe definir a coleção pelas práticas que dão sentido à sua reunião e como uma narrativa definida por um lugar social e um princípio de autoridade. Renovar a prática do colecionismo no contexto dos museus implica rever os laços dessas instituições com a sociedade, com a possibilidade dos museus assumirem o papel de difusores do colecionismo, que se constitui como uma das práticas de construção de conhecimento mais antigas que se tem notícia. Assim, as ações descritas aqui procuram potencializar o papel do Museu Histórico Nacional como uma instituição afinada aos valores plurais de uma sociedade democrática e comprometida com a produção de conhecimento, permitindo diversas leituras da história nacional, com todos seus conflitos, contradições e idiossincrasias.



Paulo Knauss é doutor em História, professor da Universidade Federal Fluminense e diretor do Museu Histórico Nacional. Desenvolve pesquisa sobre as relações entre Arte, Imagem e Cultura Visual, bem como História, Memória e Patrimônio Cultural. É autor de vários trabalhos, entre os quais mais recentemente se inclui o livro “The Rio de Janeiro Reader - history, politics, culture” (DUP, 2016), em coautoria com Daryle Williams e Amy Chazkel.

Aline Montenegro Magalhães é doutora em História e pesquisadora do Museu Histórico Nacional, professora no curso de MBA de gestão de museus da Universidade Cândido Mendes e no Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória/Unirio). É bolsista Pós-Doutorado Sênior do CNPq e líder do grupo de pesquisa certificado no CNPq “Escritas da história em museus: objetos, narrativas e temporalidades”. Desenvolve pesquisa sobre colecionismo e heranças materiais da diáspora africana no Brasil.

Rafael Zamorano Bezerra é doutor em História e responsável pelo Núcleo de Pesquisa do Museu Histórico Nacional. Atua como professor colaborador do Mestrado Profissional em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde (COC/Fiocruz) e como professor do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória/Unirio). Desde 2018 é coordenador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM/CNPq-IBRAM) e bolsista Pós-Doutorado Júnior do CNPq. Realiza pesquisas na área da história, museus e patrimônio, atuando principalmente nos seguintes temas: história contemporânea, museus de história, patrimônio histórico, escrita da história em museus e colecionismo.

Referências

Museu das Remoções

Referências Bibliográficas

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Key Concepts of Museology**. ICOM, 2010, p. 48. Disponível em: < http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Museologie_Anglais_BD.pdf > Acessado em: 2 jun. 2017.

FRISCH, Micheal. **A Shared Authority: Essays on the Craft and Meaning of Oral and Public History**. New York: State University of New York Press, 1990.

A COMUNIDADE CULTURAL QUILOMBAQUE

E UM PLANO DE INCLUSÃO SOCIAL EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL LOCAL NA PERIFERIA DA ZONA NOROESTE DA CIDADE DE SÃO PAULO

Museu Territorial de Interesse da Cultura e da Paisagem Tekoa Jopo'í
- Quebrando correntes, plantando sementes, brotando territórios
por José Soró





A Comunidade Cultural Quilombaque e um Plano de Inclusão Social em Desenvolvimento Sustentável Local na periferia da zona Noroeste da cidade de São Paulo

A Comunidade Cultural Quilombaque é uma iniciativa criada por jovens em 2005 no bairro de Perus, região Noroeste da cidade de São Paulo, com objetivo de enfrentar a ausência de equipamentos e políticas públicas de cultura, arte e lazer, e também o genocídio da juventude negra.

Ser jovem, e negro, na periferia significa, ainda hoje, ter quase 80% mais chance de ser presos e/ou assassinado antes dos 25 anos. O Brasil figura entre os países com maior população carcerária. 70% tem entre 18 e 25 anos. 1 é assassinado a cada 23 minutos.

À maioria dos que escapam resta viver das flutuações entre desemprego e empregos precários. Também precários e insuficientes são os serviços públicos básicos como saúde, segurança, transporte, moradia e educação.

Periferias são territórios que além da distância e da miséria econômica, são representadas no imaginário e nas mídias sociais como lugares de pessoas bárbaras, selvagens, violentas, preguiçosas, incapazes. Carga preconceituosa e perversa que afeta reflexivamente seus moradores, sua autoestima e o que pensam e aspiram sobre seus lugares.

Quase metade dos lares são “chefiados” por mulheres. As violências públicas e domésticas contra mulheres e crianças imperam. O uso abusivo e intensivo de álcool e outras drogas, o tráfico, a corrupção e o comércio informal encetam uma dinâmica econômica marginal.



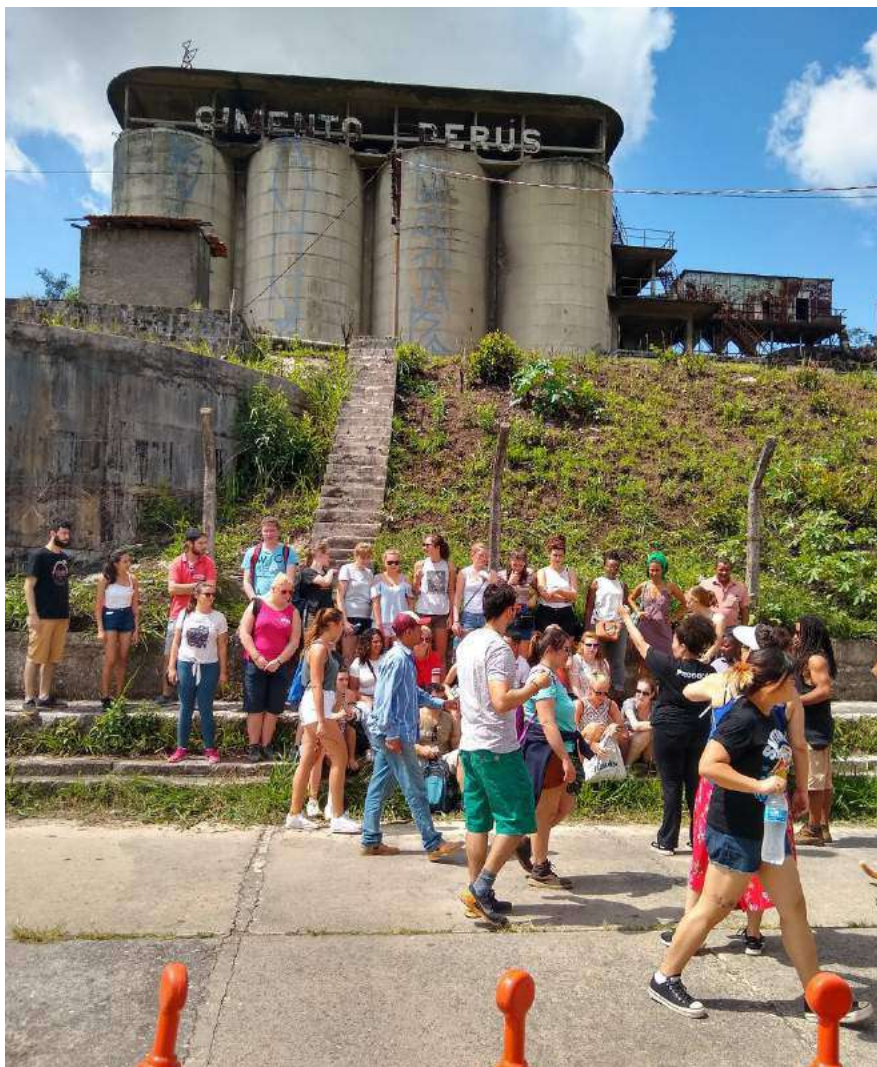
Para agravar ainda mais, junto com municípios vizinhos de realidade similar compomos a Macro Norte da Região Metropolitana de São Paulo, atravessados e interligados por quatro rodovias importantes, zona de expansão, portanto de violenta especulação imobiliária e com ela desmatamento e esgotamento do sistema de água potável.

Neste cenário, as condições psíquicas, os valores humanos, morais e éticos são jogados num liquidificador criando uma espiral mórbida, entrópica, onde a própria violência vira espetáculo. Chamamos a esta realidade de genocídio de corpo e de alma.

Que ser humano e que vida emergem disso? Como enfrentar? O que fazer?

Hannah Arendt afirma que o convívio e experimentação das artes, ciências, a proteção e pertencimento ampliam e amplificam o universo imaginário e conseqüente repertório de linguagens. A ausência dessas condições torna o indivíduo menos humano, e a violência entra onde falta a palavra.

Foi preciso transver, na perspectiva da visão e ação sistêmica multidimensional, para diagnosticar a complexidade dos problemas e revelar as potencialidades e possibilidades de ação.



Potencialidades e possibilidades reveladas:

- A própria juventude pela energia, criatividade e presença (35% da população é considerada jovem);
- O Sujeito Periférico e a Sevirologia (capacidade que esta população tem de se virar e sobreviver);
- A ancestral memória (africana, indígena e dos Queixadas, movimento de trabalhadores da antiga Fábrica de Cimento baseado na Não Violência Ativa de Gandhi, que por aqui chamamos Firmeza Permanente);
- A arte, a cultura e o conhecimento, direitos humanos essenciais que potencializam e proporcionam universo imaginário e repertório de linguagens; e num cenário de crescimento da economia da cultura proporciona perspectiva, trabalho e renda para a juventude, podendo impactar a economia e promover um desenvolvimento local não degradante, mas, sim, edificante, inclusivo e sustentável.

Então, como resposta, criamos o **PLANO DE INCLUSÃO EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL LOCAL MACRO NORTE**.

O plano, inspirado nos círculos de cultura Freirianos, na visão, planejamento e gestão sistêmica, é uma Tecnologia Social fundada num conceito metodológico de “em permanente e coletiva construção”.



O OBJETIVO FUNDAMENTAL É COMBATER A MISÉRIA E AS VIOLÊNCIAS PROMOVEDO UMA INCLUSÃO SOCIAL EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, FOMENTADO E SUSTENTADO NAS POTENCIALIDADES E ATIVOS LOCAIS.

Temos na arte e cultura as ferramentas e instrumentos fundamentais para mudar a realidade e que orientam um conjunto de estratégias de ação - envolver artistas, agentes, movimentos e equipamentos culturais, fomentar, criar e fortalecê-los como *polos dinâmicos dinamizadores*. Onde a partir de um ponto, de uma iniciativa, se enredam teias e tramas articulando e integrando agentes, talentos e ativos locais, criando uma espiral de desenvolvimento, de ressignificação e revitalização, ética e estética, das relações e usos de espaços públicos, bem como a criação de novos, integrando outros polos, formando um circuito e uma rede sistêmica viva. Reapropriar (retomar o que já é nosso), ocupar, ressignificar e revitalizar lugares públicos degradados, afastar o medo e promover os encontros, inverter a visão e percepção que as pessoas têm de seus lugares e consequentemente de si mesmos.

Imensos eram e ainda são os desafios, como a ausência de equipamentos e recursos artísticos e culturais nas periferias resultante da desigual e perversa distribuição orçamentária municipal que concentra 70% na região central, restando 30% para as periferias, onde se concentram inversamente mais de 70% da população da cidade.



Criamos um conceito de planejamento e gestão multidimensional e sistêmica, adequando o Marco Lógico a ambientes educadores, que permitem equalizar a relação entre organização e liberdade, essencial para que a criatividade possa florescer permanentemente.

Tornamo-nos partícipes construtores, articulando em rede o Movimento Cultural das Periferias, um Plano Municipal de Cultura e a elaboração e aprovação da Lei de Fomento às Periferias, iniciativas que invertem a lógica discriminatória destinando 70% dos programas e recursos para as bordas da cidade.

Ao desafio do conhecimento, da baixa autoestima e síndrome de incapacidade, aprofundamos estudos e pesquisas sobre o território, o que revelou mais desafios e muita potencialidade, como a Aldeia Indígena do Jaraguá, a Comuna da Terra Irmã Alberta (assentamento de trabalhadores rurais sem terra), a destruição das bacias hidrográficas, os parques e áreas verdes restantes, o ativismo cultural, os bens patrimoniais históricos tombados, como a Fábrica de Cimento e a luta não violenta dos Queixadas, a Ferrovia Perus-Pirapora, as antigas Cavas de Ouro, o Pico do Jaraguá.

Dessa percepção nasce então a proposta de um instrumento de planejamento urbano, baseado na cultura, meio ambiente e educação, os TICPs – Território de Interesse da Cultura e da Paisagem - que aprovamos como lei no Plano Diretor da Cidade em 2014, uma barreira com a qual enfrentar a letalidade da especulação imobiliária. Um plano-piloto para desenvolver um outro jeito de a cidade ser.

Para concretizar o conceito de TICP, então, a proposta e o projeto do **MUSEU DE INTERESSE DA CULTURA E DA PAISAGEM TEKOA JOPOÍ** e das **TRILHAS DE APRENDIZAGEM**, que carregam consigo a possibilidade de encetar um desenvolvimento econômico e social local, edificante, protegendo e preservando os recursos e patrimônios naturais e tombados.



O Museu **TEKOA JOPOÍ** abarca, resgata e afirma nossas raízes locais Indígenas Guarani e também nossa perspectiva de uma economia edificante, visto que **JOPOÍ** significa Economia da Reciprocidade praticada pelos Guaranis, onde o valor social do sujeito é atribuído pela distribuição e não pela concentração, comum no capitalismo. Ou seja, quanto mais distribuem, mais valor social têm o sujeito e o grupo.

As **TRILHAS DE APRENDIZAGEM** são percursos, derivas formativas de imersão territorial, para compreender multidimensionalmente os problemas urbanos periféricos e as propostas que estamos desenvolvendo. Integram elementos históricos, afetivos, patrimoniais, naturais, turísticos, educacionais, artísticos e culturais, trançando e tramando um território educador.

Cumprem ainda os papéis estratégicos de promover a proposta do museu, consolidar percursos educativos e gerar trabalho e renda para os agentes, coletivos e polos musicológicos (maiores detalhes nos links).

Para ancorar e coordenar o processo e as ações, integrar e fomentar a cadeia de negócios sociais locais, como hospedarias, alimentação, formação de guias (Trilheducadores), criamos a **QUEIXADAS** Agência de Desenvolvimento Ecocultural e Turístico.

Temos ainda muitos desafios pela frente. Mas, sem dúvida, o elemento essencial se chama engajamento, que por aqui chamamos de encantamento, pois além da participação das pessoas, organizações e serviços materializando o museu, ele é mais fundamental ainda na crença das pessoas, acreditando que é possível construir e sustentar um outro lugar onde possam viver, trabalhar, sonhar e, assim, possam ficar e transformá-lo.



Referências

Paulo Freire, Milton Santos, David Winnicott, A. S. Neill, Hannah Arendt, Frantz Fanon, Foucault, Lebreton, Gandhi, Zumbi dos Palmares e Os Queixadas.

[Apresentação durante o Seminário "Em contato: comunidades, cultura e engajamento"](#)

[Manifesto Comunidade Cultural Quilombaque](#)

[Vídeo aniversário de 13 anos da Quilombaque](#)

[Field School realizado em Perus - Congresso Internacional de Lazer e Turismo da World Leisure](#)

A despeito dos tempos ditatoriais fascistas, neonazistas, serem sombrios, não abalam nossa confiança e crença em outro futuro. Pelo contrário, temos convicção e certeza da nossa responsabilidade enquanto força de resistência e proposição que é o que pra nós significa o papel da arte e da cultura no desenvolvimento humano, principalmente em encruzilhadas como a que a humanidade atravessa.

Temos a responsabilidade de continuar fazendo o que estamos fazendo e ampliar mais, muito mais.

Firmeza Permanente – Queixadas Vive

#FERVETERRITÓRIO

José Soró é educador e consultor em Gestão de Conhecimentos e Desenvolvimento Humano, Planejamento Estratégico, Gestão e Desenvolvimento Institucional, designer de Ambientes Pedagógicos, Supervisão e Elaboração de Projetos. Desenvolve supervisão de grupos operativos, processos de formação e capacitação de lideranças e empreendedores sociais, profissionais e organizações em ressignificação e desenvolvimento de linguagens, sensibilização e criatividade, desenvolvimento sustentável local, metodologias e planejamentos político-pedagógicos sistêmicos de autonomia e emancipação. Coordenador na Comunidade Cultural Quilombaque. Consultor e diretor da Agência de Desenvolvimento Social (AGENDES) através da gestão e desenvolvimento de conhecimentos. Presidente da Moradia Associação Civil, organização da sociedade civil OSC que desenvolve trabalhos de acolhimento e desenvolvimento de crianças, adolescentes e suas famílias vivendo em situação de vulnerabilidade grave.



STUDIO

**INTEGRANDO
ENGAJAMENTO E
COPRODUÇÃO EM
ESTRUTURAS MUSEAIS**

Horniman Museum & Gardens
por Julia Cort



**Studio:
Integrando
engajamento
e coprodução
em estruturas
museais**

Studio é um novo espaço artístico contemporâneo que funciona no Horniman Museum & Gardens desde outubro de 2018. Ele é o centro de um novo e incrível programa de exposições, eventos e atividades inspiradas pelo acervo de antropologia e cocuradas pelo Coletivo, um grupo formado por funcionários do Horniman, por um artista e por membros de organizações de apoio da região sul de Londres. A ideia do programa surgiu da oportunidade de redimensionar uma das salas de exposição centrais do Horniman.

O Horniman é conhecido pela altíssima qualidade de suas parcerias com a comunidade, de suas práticas curatoriais baseadas em seus acervos e de sua programação para o público. O *Studio* é a realização de um desejo de combinar esses pontos fortes e mostrá-los ao público, e ao mesmo tempo impulsionar a nossa experiência e visibilidade no campo das práticas artísticas críticas, participativas e engajadas.

Para atingir esse objetivo, o Horniman se comprometeu a flexibilizar tanto as formas de produzir exposições e programações abertas ao público quanto de comunicação. Embora já tivéssemos implantado com sucesso todos os elementos desse programa no passado, eles nunca haviam sido combinados desta forma, especialmente como parte de um resultado público de longo prazo e com tamanha visibilidade: uma série de exposições de nove meses de duração em uma das cinco salas de exposição principais do Horniman acompanhadas de um programa de eventos associados.



Uma das ações iniciais de divulgação do programa foi a realização de um simpósio com a comunidade. O evento contou com a participação de 20 líderes e membros de organizações parceiras locais para informá-los sobre a ideia de criar o *Studio* e ouvir suas opiniões sobre a possibilidade de parcerias nesse âmbito. Ao final do simpósio, os parceiros locais escreveram um manifesto no qual definiram a sua noção de excelência em trabalho em parceria, os recursos que os parceiros precisariam para desenvolver um trabalho de alto padrão e os benefícios que essa iniciativa traria tanto para os parceiros quanto para os indivíduos envolvidos.

Os parceiros locais utilizaram o manifesto para descrever a sua ideia do que seria uma iniciativa bem-sucedida: um resultado do qual todos poderiam se orgulhar e a transformação do Horniman em um polo cultural onde as pessoas teriam um sentimento de pertencimento e onde seria possível construir redes mais amplas e habilidades e conhecimentos compartilhados que gerassem respeito e compreensão entre os vários setores da comunidade. Nós levamos o manifesto aos colegas do Laboratório de Aprendizado do setor de artes e cultura para que eles nos ajudassem a desenvolver um programa que atendesse às necessidades de todos.

Com base nessa consulta, o Horniman lançou um chamado para todos os nossos parceiros locais convidando as pessoas interessadas a integrar o *Coletivo Studio 2018*. Selecionamos dez pessoas com base em critérios como interesse em museus e necessidades e desejos alinhados aos benefícios potenciais do programa. O grupo recebeu uma lista de artistas elaborada pelos membros do Laboratório de Aprendizado. Três nomes foram selecionados e entrevistados e um artista foi escolhido. Todas essas decisões foram tomadas através de um sistema de votação.



O artista escolhido juntou-se ao Coletivo e o grupo escolheu um tema para a exposição, selecionou objetos do acervo para incluir, e sobre os quais desenvolver uma interpretação, e elaborou estratégias de publicidade e *marketing*, além de todos os outros aspectos do planejamento de uma exposição. Além disso, o grupo foi responsável pelo planejamento de eventos públicos associados à exposição e que seriam coordenados pelas organizações locais. Os membros da comunidade local receberam um “agradecimento” financeiro por cada reunião da qual participaram e funcionários do Horniman se organizaram entre as reuniões do Coletivo para dar andamento às decisões tomadas.

Na primeira iteração do *Studio (Studio 2018)* foi realizada uma avaliação externa que incluiu a observação dos participantes nos encontros do Coletivo e nas reuniões do grupo consultor, entrevistas com a equipe e com os parceiros locais e sessões interativas de planejamento de objetivos. O processo e a avaliação externa revelaram questões fundamentais, algumas das quais foram abordadas dentro do *Studio 2018*, beneficiando assim o primeiro Coletivo e possibilitando mudanças no processo da segunda iteração (*Studio 2019*). Este artigo identificará algumas questões levantadas durante o processo e as ações adotadas como resposta.

Qual é a logística do recrutamento inclusivo? Nós recrutamos o *Coletivo do Studio 2018* via e-mail. Essa iniciativa gerou respostas de candidatos letrados e que tinham acesso a um computador ou que contaram com a ajuda de agentes de apoio. Para recrutar o *Coletivo do Studio 2019*, visitamos algumas organizações parceiras estratégicas (geralmente na companhia de membros do Coletivo 2018) para apresentar a oportunidade e oferecer apoio para o processo de inscrição. Isto resultou numa gama mais variada de requerentes e de interesses dentro do Coletivo, além de possibilitar que os membros entendessem suas funções de maneira mais clara.



Qual o tipo de estrutura necessária para facilitar a participação integral?

Na primeira iteração do *Studio*, surgiram questões relacionadas à clareza do projeto, ao cronograma, ao envolvimento da equipe e aos trâmites das mudanças organizacionais.

O processo e o cronograma do programa inicialmente apresentados ao Coletivo 2018 diferiam em muitos aspectos do programa em si. Nós havíamos planejado duas exposições do *Studio* – uma em junho de 2018 e outra em outubro de 2018. No entanto, devido a atrasos na reforma de uma das principais salas de exposição, a proposta teve que ser reduzida para uma exposição em outubro de 2018 e os cronogramas de produção tiveram que ser alterados. Essa mudança resultou numa extensão no período de tempo que o Coletivo 2018 deveria dedicar ao projeto. Além disso, nos demos conta de que as reuniões que havíamos agendado não eram suficientemente longas para que os membros do Coletivo conseguissem coproduzir de maneira eficiente todos os aspectos do *Studio*.

O Coletivo 2018 se reuniu regularmente entre março de 2017 e outubro de 2018 e desde então as reuniões têm sido ocasionais. Esse longo período de tempo dificulta a manutenção de um ritmo constante de trabalho. O Coletivo 2019 foi formado em maio de 2018 e entrou em recesso no verão, após ter selecionado o artista com quem trabalharia. Isso significa que os trabalhos foram iniciados de fato em setembro de 2018 – cerca de um ano antes da abertura da exposição de outubro de 2019. Nós compensamos a redução do prazo de trabalho com reuniões mais longas e mais frequentes – três horas em duas vezes ao mês ao invés de duas horas em uma vez ao mês, como no início do processo do *Studio 2018*. Essa mudança na duração e na frequência das reuniões do Coletivo teve um impacto no orçamento de pagamentos, alimentação, material e apoio.



O *Studio* é um projeto muito importante para o Horniman, com resultados de grande visibilidade e cujo alcance pode levar à integração da metodologia de engajamento em outras áreas do museu. Funcionários de vários departamentos, desde *marketing* até expografia, participaram da maioria das reuniões do Coletivo e, às vezes, até superavam o número de parceiros locais. Isso significa que as reuniões do Coletivo frequentemente assumiram o caráter de reuniões internas do museu. Antes de comparecer às reuniões do Coletivo, os funcionários receberam *briefings* sobre o processo do *Studio*, os protocolos do Coletivo, a metodologia de engajamento da comunidade local e as práticas artísticas socialmente engajadas. Como ficou evidente que precisamos fazer um treinamento mais aprofundado, estamos buscando a ajuda de consultores no assunto e identificando maneiras formais de transformar as habilidades e a diversidade dos nossos parceiros locais numa fonte de aprendizado para nós.

A MUDANÇA ORGANIZACIONAL FOI UMA DAS PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA STUDIO.

A nossa avaliação externa mostrou que o processo de mudança já começou, mas que ainda há um longo caminho a ser percorrido. Durante o processo de curadoria do *Studio 2018*, percebemos que, enquanto organização, tínhamos opiniões variadas sobre como uma mudança organizacional bem-sucedida deveria ser e quem deveria conduzi-la. Afinal, desafiar posturas tradicionais pode gerar situações de confronto. Em suma, o Coletivo 2018 já provocou mudanças no Horniman, embora ainda seja difícil enxergá-las.



Como funciona um processo decisório compartilhado? Será participação integral o seu principal objetivo? Quais decisões devem ser tomadas pelo Coletivo? Antes de recrutar os membros do Coletivo 2019, nós passamos um tempo com o Coletivo 2018 e com a equipe do Horniman deliberando sobre as decisões das quais o Horniman ainda não estava pronto para abrir mão e as decisões que os parceiros locais e o artista não estavam interessados em tomar. Nós acabamos chegando num formato onde o papel do Coletivo será mais de curador/programador de eventos públicos do que de “curador/designer de exposições/gerente de *marketing*/programador de eventos públicos”, e com a flexibilidade necessária para suprir os interesses específicos dos membros individuais. Isso significa que agora podemos focar mais nas reuniões criativas e nas visitas para outros espaços e, assim, evitar o formato de reuniões genéricas.

Como podemos envolver os grupos da comunidade local dos quais os membros individuais do Coletivo fazem parte? Durante a criação do *Studio 2018*, nos reunimos com líderes de grupos locais e com membros do Coletivo em dias determinados para que eles se mantivessem informados sobre o processo e pudessem monitorar o nosso cumprimento das diretrizes do manifesto. Para o *Studio 2019*, estamos convidando outras organizações parceiras para as reuniões do Coletivo, de forma a envolvê-las de maneira mais intensa na programação e no processo artístico.



Será que estamos cumprindo as diretrizes do manifesto e a sua visão de como deve ser um projeto bem-sucedido? Será que todos ficaram orgulhosos da exposição do *Studio 2018* e do programa de eventos? O programa do *Studio* possui uma variedade de *stakeholders*, incluindo os parceiros locais, o artista, a equipe do Horniman, os financiadores e todo o público do museu. Esse processo trouxe à tona ideias de sucesso mutuamente exclusivas, como, por exemplo, se o processo do Coletivo deveria ser exibido e considerado como parte da exposição. Nós conseguimos mitigar muitas dessas questões e o resultado tem sido amplamente elogiado.

Quais elementos devemos manter e como fazê-lo quando os nossos recursos diminuam? Nós revisamos o nosso plano de avaliação para o *Studio 2019*, de forma a dispensar a participação de avaliadores externos e estamos desenvolvendo modelos para manter elementos da metodologia do *Studio* após a realização do *Studio 2019*.

Julia Cort é Coordenadora de Engajamento Comunitário no Horniman Museum & Gardens. Ela é responsável por ampliar o acesso ao Horniman e garantir que o museu permaneça relevante e interessante para todos os tipos de público no seu entorno. Atualmente, Julia trabalha com grupos locais para facilitar a abertura dos processos do Horniman de forma que o museu se torne um polo cultural da comunidade. Sua experiência profissional inclui a criação e adaptação de programas de engajamento que permitam a museus e organizações patrimoniais em Londres representar um número cada vez maior de pessoas.

ENGAJAMENTO DE COMUNIDADES

NO MUSEU DA
IMIGRAÇÃO

Museu da Imigração
por Mariana Esteves Martins





Engajamento de comunidades no Museu da Imigração

O Museu da Imigração do Estado de São Paulo foi criado, em 1993, com o desejo de constituir um acervo representativo da contribuição migrante para a formação de São Paulo e promover exposições e programações de modo a comunicar essa história. Dado o caráter social e comunitário do tema, a participação tornou-se uma premissa, afinal, as experiências, os objetos e os saberes a serem colecionados e mobilizados nas ações pertenciam a indivíduos, famílias ou comunidades migrantes.

Existe uma narrativa quase oficializada que associa a criação do Museu ao desejo desses entes migrantes de terem um espaço de representação. No entanto, a documentação institucional do período demonstra que o Estado se esforçou ativamente para conhecer e engajar essas comunidades. Séries de correspondências expedidas e atas de reunião, por exemplo, esclarecem que encontros com associações migrantes foram organizados pelos profissionais do Museu para a apresentação do que seria a nova instituição e para pedir a contribuição sistematizada de migrantes e descendentes na nova empreitada.

Apesar do planejamento avançado nesse momento inicial do Museu, demoraria ainda alguns anos para ele ser de fato constituído e aberto ao público; mas a participação e o engajamento, ali já colocados, permaneceriam como objetivos a serem alcançados até hoje, 25 anos depois.

Existem duas ações de longo prazo realizadas hoje pelo Museu da Imigração que se associam diretamente à participação e engajamento, mas com continuidades distintas: a formação do acervo e a Festa do Imigrante.



O acervo do Museu da Imigração foi constituído junto a famílias, principalmente, que doavam, não raro, um conjunto bastante amplo de itens relacionados à sua trajetória migrante: passaportes e outros documentos administrativos, objetos pessoais e de trabalho, além dos relatos que compõem nossa coleção de história oral. Pela documentação, é possível reconhecer relações entre doadores, seja por recorrências de famílias, nacionalidade ou grupos, indicando uma noção de rede ainda a ser sistematizada e melhor compreendida.

Essa análise prévia já demonstra uma aproximação do Museu com grupos específicos e que, além do acervo, atuavam também na programação cultural e expositiva. Muitos, ainda, comporiam a Festa do Imigrante, programação mais antiga e tradicional da instituição, montada anualmente desde 1996, e que nasceu de uma iniciativa das próprias comunidades e foi abraçada pelo Museu, oferecendo estrutura e divulgação para a venda de alimentos e artesanatos, além das apresentações de música e dança.

Atualmente, essas comunidades relacionam-se exclusivamente com a realização da Festa do Imigrante. A gestão do acervo dissociou-se delas e, como houve também uma descontinuidade importante de equipe entre os anos de 2010 e 2011^[1], os laços com os doadores não só foram rompidos, mas para serem conhecidos necessitam um esforço de pesquisa.

Mas por que o engajamento dessas comunidades se manteve para a Festa, mas não para as demais ações? Não que não tenha havido participação nas atividades de preservação, pesquisa, comunicação e educação, uma vez que novos e sólidos relacionamentos vêm sendo construídos desde 2011^[2]. Mas por que as comunidades da Festa se tornaram um não-público estratégico para a área técnica, sendo que muitas atuaram também, no passado, na formação do acervo e na realização de exposições e programações?

Notas

[1] A descontinuidade de equipe se deveu à sucessão de organizações sociais à frente da gestão do Museu da Imigração: em dezembro de 2010, encerrou-se o contrato de gestão com a OS Associação de Amigos do Memorial do Imigrante; nos seis meses seguintes, a OS Instituto da Arte do Futebol Brasileiro assumiu interinamente o Museu da Imigração; desde julho de 2011, essa gestão está sob responsabilidade da OS Associação de Amigos do Museu do Café (atual Instituto de Preservação e Difusão da História do Café e da Imigração), que compôs uma equipe nova.

[2] 2011 foi o ano em que a equipe atual iniciou suas atividades à frente do Museu da Imigração.



Acredito que uma explicação esteja na mudança de conceito pela qual o Museu passou recentemente. No final de 2010, um novo Plano Museológico foi elaborado, marcando também a substituição do nome “Memorial do Imigrante”, pelo qual foi denominado entre 1998 e 2010, para “Museu da Imigração”, nome de nascimento, que vigorou de 1993 a 1997. Essa mudança de conceito é importante para a análise que estou defendendo porque desloca o interesse da instituição do sujeito migrante para a migração como experiência humana.

Assim, essa nova equipe passou a buscar uma noção de “experiência migrante em São Paulo”, que seria uma amálgama das múltiplas origens, referências culturais e temporalidades em um mesmo território. Essa experiência é, portanto, incorpórea ou necessita de uma variedade numerosa de indivíduos ou coletivos migrantes para atingi-la, obstáculos importantes para a participação e engajamento.

Além disso, buscou-se a equanimidade de representações em todas as ações, não destacando nacionalidades, por exemplo, que é a base de organização dos grupos na Festa do Imigrante.

Outro entrave foi a noção de “comunidade migrante” a partir do questionamento da definição desse vínculo. No âmbito da Festa parece mais claro o que é uma comunidade, pois muitas se referem a grupos artísticos constituídos previamente, que mantêm uma rotina de ensaios ou apresentações, ou a estabelecimentos comerciais constituídos com essa noção de grupo social, como os restaurantes típicos ou os artesãos que se dedicam a manter e atualizar tradições relacionadas a origens migrantes.



Mas é preciso dar o primeiro passo e a experiência da Festa tem a nos ensinar. Valorizar a contribuição das comunidades já engajadas é a primeira lição. Mesmo com a descontinuidade de equipe entre 2010 e 2011, nunca foi pensada a realização da Festa somente com novos participantes. Foi a experiência das comunidades, algumas desde a primeira edição, que possibilitou a manutenção da ação pelos profissionais recém-chegados e tem sido a valorização desse vínculo longo e que mantém vivo o interesse delas em continuar contribuindo.

Outra lição está associada à natureza da Festa, que manteve vocação semelhante ao longo dos anos, facilitando a continuidade da ação, ao passo que as ações técnicas não se mantiveram parecidas, na maioria dos casos.

ASSIM, DESTACARIA A IMPORTÂNCIA DAS AÇÕES DE LONGO PRAZO E CONTÍNUAS, CUJA RECORRÊNCIA AJUDA A APRIMORÁ-LAS, MAS, PRINCIPALMENTE, FIDELIZA AS COMUNIDADES ENGAJADAS.



No entanto, mesmo não tendo mudado a vocação da Festa, atualizações importantes vêm sendo realizadas nos últimos anos. Uma delas diz respeito à estrutura, que aumentou em tamanho e foi profissionalizada com a implementação de procedimentos de segurança, sanitários e projetos de acessibilidade. Essas novidades são sempre dialogadas com as comunidades participantes por meio de reuniões prévias, havendo também reuniões de avaliação após o término de cada edição. Essa relação aberta, próxima e direta, do Museu com os participantes também pode ser entendida como uma das chaves do sucesso do engajamento longo prazo na Festa.

Houve ainda ampliação da representatividade das comunidades na Festa, buscando abarcar o contexto contemporâneo, como as migrações latino-americanas, africanas e síria. E para que houvesse a presença de novos grupos, a nova equipe do Museu foi em busca de representantes dessas comunidades migrantes para conhecer suas particularidades e apresentar a Festa. No princípio houve resistências, tanto de alguns participantes mais antigos em receber os novos, mas também destes em relação aos procedimentos, burocracias e dinâmicas colocadas pelo Museu. Com o tempo, essas resistências foram sendo vencidas e acredito que ter uma estrutura sólida, transparente e equânime garantiu à Festa subsídios para solucionar os conflitos de modo a manter o engajamento.



Mas os novos relacionamentos, estabelecidos a partir de 2011, também têm a nos ensinar. A equipe do Museu beneficiou-se muito com a presença de uma profissional dedicada a acompanhar as discussões da área e a atuação das comunidades, bem como a propor ações, realizá-las, sustentá-las e fazer as devolutivas necessárias a essas comunidades. Sabemos o quão difícil é conciliar o engajamento com outras ações rotineiras e, por isso, essa dedicação mostra-se estratégica.

Outra lição dessas experiências mais recentes é assumir as configurações de “comunidade” já existentes, como as associações e os coletivos com vieses políticos formados por migrantes de diversas nacionalidades, por exemplo, com os quais desenvolvemos projetos de história oral, atividades educativas, seminários, palestras, rodas de conversa, discussões sobre colecionismo e a exposição “Direitos migrantes: nenhum a menos”, que comunicou todas essas experiências.

Outro exemplo de “comunidade assumida” foi o grupo de alunos do curso de português do Arsenal da Esperança, com quem, a partir de um projeto educativo, desenvolvemos uma exposição, a “Cartas de Chamada (de Atenção)”. Idealmente, não seria o caso de considerá-los uma comunidade por conta da brevidade do vínculo dos alunos com o curso, dado o perfil do Arsenal de ser uma casa de acolhida e passagem, e do momento de chegada que esses alunos migrantes vivenciavam, cuja prioridade era a aquisição de documentos ou a regularização da situação, bem como encontrar um emprego e uma moradia.



Essa fragilidade foi percebida pelo Museu ao longo do desenvolvimento das ações que levaram à elaboração da exposição, sendo grandes os índices de evasão e de novos integrantes ao projeto, tanto que a equipe ponderou a validade da ação. No entanto, quando assumimos a particularidade do grupo e a legitimidade das experiências ali representadas, cuja coesão se dava principalmente pelas professoras do curso, com quem os alunos mantinham vínculo para além das aulas e que estreitavam nossa relação com todo o grupo, rompemos esse obstáculo e construímos uma exposição potente, da qual nos orgulhamos.

Outra estratégia foi ampliar a possibilidade de participação de quem já se engajou em alguma de nossas ações em outras atividades. Como exemplo, retomo o relacionamento construído com o grupo de mulheres migrantes e ativistas, que nos ajudaram a compor a exposição “Da cabeça aos pés” emprestando objetos pessoais ligados à vestimenta para que não houvesse a ausência de experiências contemporâneas no projeto.



Concluindo, uma das vantagens de se completar 25 anos sendo participativo desde o nascimento é ter variadas experiências para analisar criticamente a relação do Museu com seus públicos. O engajamento e a participação mostraram-se parte de nossas vocações, que nos possibilitam, continuamente, construir com as comunidades migrantes uma noção de Museu diverso em experiências e consciente de seu papel social.

Mariana Esteves Martins é mestra em História Social (FFLCH-USP), especialista em Estudos de Museus de Arte (MAC-USP) e bacharela em História (FFLCH-USP). Tem experiência profissional em museus e arquivos, com foco em gestão, curadoria e pesquisa de acervos. Atualmente é Coordenadora Técnica do Museu da Imigração do Estado de São Paulo e professora do curso de especialização em Museologia, Curadoria e Colecionismo do Centro Universitário Belas Artes.



EM CONTATO: COMUNIDADES, CULTURA E ENGAJAMENTO

SEMINÁRIO





EM CONTATO
COMUNIDADES, CULTURA
E ENGAJAMENTO



**FOI MUITO GRATIFICANTE E
EMOCIONANTE PARA MIM
ESTAR LÁ.**

Marcio Reiff,
facilitador gráfico do evento





O SEMINÁRIO FOI EXTREMAMENTE SURPREENDENTE. A TROCA DE EXPERIÊNCIAS RELATADAS NOS PROPORCIONA VÁRIAS REFLEXÕES SOBRE NOSSA PRÁTICA NA ESCOLA, PRINCIPALMENTE QUANTO À POTÊNCIA EDUCATIVA E À NECESSIDADE DE APROPRIAÇÃO DOS TERRITÓRIOS EXTRAMUROS E O PODER DE SUA ABRANGÊNCIA PARA OS NOSSOS ALUNOS DAS ESCOLAS PÚBLICAS. ESSE ACESSO DEVE SER COMPARTILHADO E INCENTIVADO.

Ana Paula Xavier Correa dos Anjos,
professora da Diretoria Regional de Ensino - Penha





PARA A CIDADE ESCOLA APRENDIZ, A RELAÇÃO ENTRE MUSEUS E COMUNIDADES, ASSIM COMO A VALORIZAÇÃO DOS SABERES LOCAIS, SÃO ESSENCIAIS PARA CONSTRUÇÃO DE UMA CIDADE QUE SE DISPÕE A EDUCAR. DIVIDIR A EXPERIÊNCIA DO SABORES E SABERES COM VOCÊS FOI UMA DELÍCIA E PARABÉNS POR ESSE SEMINÁRIO TÃO LINDO E POTENTE!



Dayana Araújo,
palestrante da Associação Cidade Escola Aprendiz



A MESA “MUSEUS E ENGAJAMENTO” TROUXE UMA DISCUSSÃO INTERESSANTE SOB O PONTO DE VISTA INSTITUCIONAL: NÃO SÓ OUTROS TEMAS DEVEM SER INSERIDOS NOS MUSEUS PARA SE APROXIMAREM DE GRUPOS SOCIAIS DISTINTOS, MAS TAMBÉM DEVE SER CONSIDERADO O QUANTO ESSES TEMAS SE REFLETEM EM TRANSFORMAÇÕES NA ESTRUTURA DA INSTITUIÇÃO. ENGAJAMENTO É TAMBÉM PENSAR E PROPOR AS AÇÕES E OS PROJETOS NOS MUSEUS JUNTO COM OS GRUPOS.



Mariana Kimie Nito,
educadora do Museu da Imigração



**O SEMINÁRIO FOI ALÉM DAS
MINHAS EXPECTATIVAS,
POIS CONSEGUIU REUNIR
EXPERIÊNCIAS DIVERSAS E
RELEVANTES SOBRE O TEMA,
CRIANDO UM DEBATE RICO E
CONSTRUTIVO. NÃO SÓ APRENDI,
MAS ME EMOCIONEI MUITO COM
TUDO O QUE VI E OUVI.**

Denise Cooke,
pesquisadora do Museu da Pessoa e tradutora





PARA MIM, O EVENTO COLOCOU EM CONTATO A DEMOCRATIZAÇÃO DE INICIATIVAS CULTURAIS PELOS SEUS PRÓPRIOS PRODUTORES E, ASSIM, DEMONSTROU O QUANTO AS INSTITUIÇÕES PRECISAM E PODEM MOBILIZAR ESFORÇOS PARA FORTALECER ESSAS PROPOSIÇÕES E EFETIVAR A IDEIA DE PARCERIA E TERRITÓRIO EM DEMOCRACIAS SOCIOCULTURAIS.

Ellen Nicolau,
articuladora da Rede de Memória e
Museologia Social de São Paulo

SEGUIMOS EM CONTATO?

Museu da Imigração
por Isabela Maia, com contribuição
de Julia Cort e Tatiana Waldman





Seguimos em contato?

O seminário e a publicação “Em contato: comunidades, cultura e engajamento” foram idealizados a partir da aproximação entre Museu da Imigração, de São Paulo, e Horniman Museum & Gardens, de Londres. Localizadas “fora do eixo”, afastadas de circuitos turísticos mais centrais, as duas instituições têm como rumo o desenvolvimento de relações com comunidades, além de possuírem semelhanças no perfil das coleções.

Após trocas de visitas entre profissionais de ambos os museus desde 2015, a parceria foi reconhecida pelo Programa de Intercâmbio do British Council em 2017. Possibilitou-se, assim, uma visita da educadora Isabela Maia e da pesquisadora Tatiana Waldman ao museu londrino e, em 2019, a realização de um evento de troca de experiências sobre engajamento de comunidades com a presença de Julia Cort, coordenadora de engajamento de comunidades no Horniman.

Além do histórico reconhecido das duas instituições com relação à temática elencada, tais ações se desenharam a partir de uma constatação: o trabalho de Julia Cort possui características que se diluem entre muitas funções presentes em diferentes equipes do Museu da Imigração. Procurando, então, compreender melhor essa atribuição e identificar seus aspectos, a fim de valorizá-los, idealizamos o seminário “Em contato: comunidades, cultura e engajamento”, reunindo relatos dos museus parceiros e outras iniciativas que poderiam informar e inspirar o debate em um contexto local.



Os grupos e profissionais convidados a participar do seminário foram selecionados a partir de dois eixos. O primeiro foi o engajamento de comunidades migrantes, que tinha como objetivo mapear as estratégias específicas que esse perfil de público exige das organizações dos mais variados tipos, sendo que os participantes representaram um museu (Julia Cort, do Horniman Museum & Gardens), uma ONG (Dayana Araújo, da Associação Cidade Escola Aprendiz), um coletivo (Daniela Solano e Arthur Alves, do Coletivo Visto Permanente) e uma escola pública (Cristiane Maria Coutinho Fialho e Franciele Busico, do CIEJA Perus I).

Já o segundo eixo buscou investigar as relações entre museus e engajamento, desta vez sem se limitar à temática da migração e, portanto, abrangendo as tentativas dos museus de envolver comunidades com outros perfis, como vizinhos, turistas, ativistas, pessoas com deficiência, 60+, entre outros. Entendendo também que há uma diversidade entre os próprios museus, contamos com relatos de um museu de âmbito nacional (Museu Histórico Nacional, com Rafael Zamorano Bezerra), um museu de território (Museu Territorial de Interesse da Cultura e da Paisagem Tekoa Jopo'í, com José Soró), um museu com enfoque internacional (novamente o Horniman, com Julia Cort) e um museu gerido por uma Organização Social ligada a um estado (Museu da Imigração, com Mariana Esteves Martins).

Um desafio que se apresentou a essa proposta foi a evidente disparidade entre os contextos culturais britânico e brasileiro, particularmente o paulistano. Apesar de algumas semelhanças já apontadas entre os dois museus parceiros, como propor uma atividade que não soasse como um manual de aplicações e que presumisse uma falsa equivalência entre esses cenários?



Aproveitando a aproximação possibilitada pelo programa de intercâmbio, essa “autoprovação” foi encaminhada por meio de uma intensa programação prévia ao evento, na qual o Museu da Imigração articulou encontros e derivações com Julia Cort em algumas das instituições e territórios que estariam presentes no seminário. Com muita atenção, receberam-nos colegas da Associação Cidade Escola Aprendiz, da Biblioteca Padre José de Anchieta, da Comunidade Cultural Quilombaque, do CIEJA Perus I, do Memorial da Resistência e da Casa do Povo. Em contato direto com relatos, arquiteturas, ruas e estações pela cidade, buscamos uma imersão que permitiu à Julia e aos agentes que nos receberam um diálogo que, segundo a própria Julia, “mudou a minha apresentação umas seis vezes por dia antes do seminário”.

Apesar do pouco tempo, pois certamente esses agentes e espaços têm muito a compartilhar, acreditamos que o contato fez diferença na costura entre as questões apresentadas no evento. Essa conclusão não deixa de corroborar uma das principais discussões que tivemos: muitas vezes, para engajar, os museus precisam avançar para além de seus muros. É essencial entender-se como parte de um território e contribuir com a composição de redes, entendendo-se como um serviço público cuja contrapartida é a dedicação às atividades culturais. Nesse sentido, uma possibilidade é mapear os outros serviços locais e compreender, em conjunto ao invés de isoladamente, quais espaços o museu pode preencher nesse ambiente que já tem suas dinâmicas próprias, desafiando a ideia de que há um “entorno” que pressupõe um “centro” - e que, normalmente, é visto como o próprio museu.

Para isso, é necessário construir relações de confiança, de benefício mútuo, contínuas e a longo prazo. Nem sempre isso é fácil ou óbvio, mas estudar os casos em que esse investimento dá certo nos inspira, como vimos com a experiência do Crossing Borders e do Studio com o Horniman, das ações com alunos haitianos do CIEJA Perus I e da Festa do Imigrante no Museu da Imigração.



Porém, é muito mais provável que a confiança se estabeleça entre uma pessoa e outra antes de se constituir entre duas organizações. Sobre esse assunto, falamos da importância de sistematizar conhecimentos e de atuar em grupo dentro das instituições, de forma que as relações não fiquem focadas somente em profissionais, deixando um legado mais estruturado do que foi construído em conjunto.

Outra lição é valorizar a memória e os saberes presentes nos territórios, além da autonomia e da potência criativa que já emergem das comunidades.

**AO REALIZAR UM PROJETO
OU AÇÃO COM UM GRUPO,
NÃO SE PODE PARTIR DO
PRINCÍPIO DE QUE HÁ ALGO A
SER ENSINADO SEM QUE HAJA
ALGO A SER APRENDIDO.**





Tudo isso foi possível compreender melhor com os relatos do projeto “Sabores e Saberes” da Cidade Escola Aprendiz, das ações do Coletivo Visto Permanente, do conceito de colecionismo engajado do Museu Histórico Nacional e do elaborado plano de desenvolvimento territorial do Museu Tekoa Jopóí.

Em todas as falas, de alguma forma esteve presente a importância do compartilhamento de autoridade. É preciso insistir nessa lógica das relações bem-sucedidas de engajamento, principalmente no caso dos museus, que herdam com força o poder das narrativas oficiais. Isso porque, muitas vezes, a ausência de certas vozes nas coleções, como acontece frequentemente com as culturas indígenas, negras e operárias, reforça o imaginário colonial em torno das instituições de memória. Destacamos, portanto, a relevância de encarar o desafio de apontar as lacunas e trabalhar na perspectiva da equidade.

Não poderíamos deixar de ressaltar a contribuição dos intérpretes e do facilitador gráfico para o sucesso do evento. Apresentar os conhecimentos em diferentes línguas e linguagens, sem dúvidas, tornou o convite mais acolhedor e acessível. Isso também é engajar!



Por fim, agradecemos pela presença das instituições e profissionais que estiveram conosco, trazendo seus olhares sensíveis e críticos para o debate. Desejamos que as trocas tenham sido proveitosas e que a discussão, dada sua relevância na contemporaneidade, não se encerre por aqui.

Isabela Maia é formada em Comunicação Social com Habilitação em Midialogia (Unicamp). Trabalha como educadora em instituições culturais desde 2013 e, atualmente, é gestora do Núcleo Educativo do Museu da Imigração, coordenando programas e materiais voltados aos seus diversos públicos.

Julia Cort é Coordenadora de Engajamento Comunitário no Horniman Museum & Gardens. Ela é responsável por ampliar o acesso ao Horniman e garantir que o museu permaneça relevante e interessante para todos os tipos de público no seu entorno. Atualmente, Julia trabalha com grupos locais para facilitar a abertura dos processos do Horniman de forma que o museu se torne um pólo cultural da comunidade. Sua experiência profissional inclui a criação e adaptação de programas de engajamento que permitam a museus e organizações patrimoniais em Londres representar um número cada vez maior de pessoas.

Tatiana Chang Waldman é mestra e doutora na área de concentração de Direitos Humanos do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (FD/USP, 2016). Suas pesquisas giram em torno das Migrações Internacionais e dos Direitos Humanos. Durante as atividades do Programa de Intercâmbio, atuou como gestora do Núcleo de Pesquisa do Museu da Imigração.

AGRADECIMENTOS

A todos os palestrantes das mesas do seminário e suas respectivas instituições pela presença e disponibilidade ao debate. Um especial agradecimento à Comunidade Cultural Quilombaque, ao CIEJA Perus I, à Biblioteca Padre José de Anchieta, à Associação Cidade Escola Aprendiz, ao Memorial da Resistência e à Casa do Povo pela recepção em visitas técnicas e rodas de conversa anteriormente ao evento.

Agradecemos aos fornecedores que trabalharam no seminário, especialmente ao facilitador gráfico e aos intérpretes de Libras e Inglês, que contribuíram com a acessibilidade do encontro.

Às equipes do Horniman Museum & Gardens, pelos projetos inspiradores e pelo trabalho intenso para compensar a ausência de Julia Cort na instituição durante as atividades do seminário. Agradecemos aos participantes dos Coletivos 2018 e 2019 do Programa Studio e às instituições parceiras do Crossing Borders: Southwark Day Centre for Asylum Seekers, Pan Intercultural Arts, Fairbeats!, Indo-American Refugee and Migrant Network, Streatham Drop-In Centre, Rewrite e Rainbow Pilgrims.

Um agradecimento caloroso às equipes do Museu da Imigração, cujo trabalho dedicado e integrado possibilitou a realização de um evento sensível e instigante.

Agradecemos a Effie Vourakis e Sabrina Cândido, do British Council, pelos pontapés iniciais e acompanhamento durante as etapas do Exchange Programme. Destacamos também a presença de Juliane Gomes, pela representação institucional igualmente acolhedora e interessada.

CRÉDITOS

BRITISH COUNCIL BRASIL

Martin Dowle
Diretor British Council Brasil

Cristina Becker
Gerente Sênior de Artes

Effie Vourakis
Sabrina Cândido
Gerentes de Projetos

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

JOÃO DÓRIA
Governador do Estado de São Paulo

SÉRGIO SÁ LEITÃO
Secretário de Cultura e Economia Criativa

INSTITUTO DE PRESERVAÇÃO E DIFUSÃO DA HISTÓRIA DO CAFÉ E DA IMIGRAÇÃO

Guilherme Braga Abreu Pires Filho
Presidente do Conselho de Administração

Carlos Henrique Jorge Brando
Vice-presidente do Conselho de Administração

Guilherme Braga Abreu Pires Filho

Carlos Henrique Jorge Brando
Eduardo Carvalhaes
Comitê Executivo

Alessandra Almeida
Diretora Executiva

Thiago Santos
Diretor Administrativo-Financeiro

Caroline Nóbrega
Gerente de Comunicação e Desenvolvimento Institucional

Daniel Ramos
Gerente Administrativo-Financeiro

Mariana Esteves Martins
Coordenadora Técnica do Museu da Imigração

CRÉDITOS (CONT.)

MUSEU DA IMIGRAÇÃO

ADMINISTRATIVO

Administração e Recursos
Humanos

Ana Cristina Teles
Christina Chiara
Lucinea Gomes do
Nascimento

Jamile Arakaki
Simone Monteiro de Brito
Valdiane Melo
Vanessa Moraes Damasceno

Infraestrutura

César Pimenta
Trajano Rodrigues
Bruno dos Santos Callender
Railde Maria Lima
Rogério Vagner da Silva
Vinicius Eduardo dos Santos

Loja e Bilheteria

Ana Carolina Alves Borges
Débora Castequini Lemes
Isabela Quattrer Pereira
Lopes
Joana Carla Santos de Lopes

Tecnologia da Informação

Alexandre Jorge Cardoso
Rafael da Silva e Souza

COMUNICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Joanna Flora
Mayara Souto
Melise Pereira Lopes
Ravena Candian Delgado
Thâmara Malfatti

TÉCNICA

Comunicação Museológica
Juliana Silveira

Educativo

Isabela Maia
Bruna Marques
Guilherme Ramalho
Juliana Barros
Luiz Gregório G. de Camargo
Mariana Kimie Nito
Raquel Freitas
Valéria Chagas

Pesquisa

Tatiana Chang Waldman
Angélica Beghini
Henrique Trindade Abreu
Thaise Satiro de Sousa
Vinicius Brahemcha

Preservação

Denise Souza
Juliana Batista
Leticia Brito de Sá
Luciane Santesso
Marcio Robson Julião

CRÉDITOS (CONT.)

HORNIMAN MUSEUM & GARDENS

Crossing Borders
Southwark Day Centre for
Asylum Seekers
Pan Intercultural Arts
Fairbeats!
Indo-American Refugee and
Migrant Network
Streatham Drop-In Centre
Rewrite
Rainbow Pilgrims
Horniman staff who have
contributed to the event
over the past 10 years

Studio
St Christopher's Hospice
Three Cs
Southwark Day Centre for
Asylum Seekers
Horniman Access Advisory
Group
Arts Network
Community Connections
Sharp Gallery
All Horniman staff Collective
members

Projeto EM CONTATO: COMUNIDADES, CULTURA E ENGAJAMENTO

Participantes Exchange
Programme
Isabela Maia
Tatiana Chang Waldman

Organização
Isabela Maia
Julia Cort
Tatiana Chang Waldman

Textos
Coletivo Visto Permanente
Cristiane Maria Coutinho
Fialho e Franciele Busico |
CIEJA Perus I
Dayana Araújo e Raiana
Ribeiro, com Jéssica Moreira
| Associação Cidade Escola
Aprendiz
José Soró | Museu Territorial
de Interesse da Cultura e da
Paisagem Tekoa Jopó'í
Julia Cort | Horniman
Museum & Gardens
Mariana Esteves Martins |
Museu da Imigração
Paulo Knauss, Aline
Montenegro Magalhães e
Rafael Zamorano Bezerra |
Museu Histórico Nacional

Revisão de texto
Divina Prado

Tradução
Denisse Cooke

Facilitador gráfico
Marcio Reiff

Interpretação inglês-português
AdVerbum

Interpretação LIBRAS
Inclua-me

Comunicação visual
Studio Meios [STDM]

Produção
Isabela Maia
Juliana Silveira
Tatiana Chang Waldman



Esta licença permite que outros façam download e compartilhem os conteúdos produzidos pelo Museu da Imigração desde que atribuam crédito ao MI e aos respectivos autores, mas sem que possam alterá-los de nenhuma forma ou utilizá-los para fins comerciais.

www.museudaimigracao.org.br

FINANCIAMENTO



PARCERIA



REALIZAÇÃO



| Secretaria de Cultura e Economia Criativa